

**MARTINA PEREIRA CAMPOS**

**A RELAÇÃO DO BRASIL COM OS PAÍSES ÁRABES NA CÚPULA ASPA —  
AVANÇOS E DESAFIOS DA INTEGRAÇÃO ACADÊMICA**

**Porto Alegre  
2022**

**MARTINA PEREIRA CAMPOS**

**A RELAÇÃO DO BRASIL COM OS PAÍSES ÁRABES NA CÚPULA ASPA —  
AVANÇOS E DESAFIOS DA INTEGRAÇÃO ACADÊMICA**

Trabalho de conclusão de curso submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Relações Internacionais.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Verônica Korber  
Gonçalves

**Porto Alegre  
2022**

### CIP - Catalogação na Publicação

Campos, Martina Pereira  
A Relação do Brasil com os Países Árabes na Cúpula  
ASPA – Avanços e Desafios da Integração Acadêmica /  
Martina Pereira Campos. -- 2022.  
70 f.  
Orientadora: Verônica Korber Gonçalves.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade  
de Ciências Econômicas, Curso de Relações  
Internacionais, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Cúpula ASPA. 2. Brasil . 3. Mundo Árabe. 4.  
Integração Acadêmica. 5. Construtivismo. I. Korber  
Gonçalves, Verônica, orient. II. Título.

**MARTINA PEREIRA CAMPOS**

**A RELAÇÃO DO BRASIL COM OS PAÍSES ÁRABES NA CÚPULA ASPA —  
AVANÇOS E DESAFIOS DA INTEGRAÇÃO ACADÊMICA**

Trabalho de conclusão de curso submetido ao  
Curso de Graduação em Relações Internacionais  
da Faculdade de Ciências Econômicas da  
UFRGS, como requisito parcial para a obtenção  
do grau de Bacharela em Relações Internacionais.

Aprovada em: Porto Alegre, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Verônica Korber Gonçalves – Orientadora  
UFRGS

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luiza Peruffo  
UFRGS

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tatiana Vargas-Maia  
UFRGS

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul por proporcionar a oportunidade de me desenvolver como estudante e como pesquisadora em uma universidade pública, importante espaço de formação de pessoas conscientes e ativas nas dinâmicas sociais de nosso país. Agradeço à UFRGS pelos cinco anos de graduação, que me permitiram conhecer de perto o grande papel das atividades de ensino, pesquisa e extensão na produção do conhecimento e, acima de tudo, no seu compartilhamento com a sociedade.

Sou grata a todo o corpo docente que acompanhou meu aprendizado no curso de Relações Internacionais, servindo de apoio para a estudante que sou e de exemplo para a profissional que busco me tornar. Agradeço, em especial, à professora Verônica, que cumpriu excelentemente seu papel de orientadora, não somente na elaboração do presente trabalho, mas também na formação do meu senso crítico e na construção da minha confiança enquanto pesquisadora. Obrigada por toda a atenção e por aceitar embarcar comigo nessa loucura que é escrever um trabalho de conclusão de curso, sou extremamente grata.

Agradeço a toda a minha rede de apoio, sem a qual não seria possível finalizar este ciclo. Às minhas amigas, sou imensamente feliz por poder contar com o apoio de pessoas tão incríveis à minha volta. Reservo um agradecimento especial à Duda, irmã de coração que acompanhou grande parte do meu desenvolvimento e que segue torcendo por mim a cada conquista, depois de tantos anos; à Carol, parte da minha rotina, por tornar a vida adulta mais fácil e por sempre ser meu ombro amigo em dias difíceis; à Maria e à Juliana, por estarem ao meu lado em todas as etapas da graduação e por compartilharem comigo desde o primeiro dia as aventuras dessa fase tão especial; ao Leonardo, meu parceiro em todos os momentos, pela incrível habilidade de conseguir arrancar sorrisos do meu rosto durante os momentos mais estressantes da elaboração deste trabalho e por encerrar essa etapa ao meu lado.

À minha família, quase me faltam palavras para descrever tamanha admiração. Agradeço ao meu irmão, Pablo, por anos de uma parceria incrível, repleta de um amor que só uma relação entre irmãos consegue ter. À minha avó, Marlene, agradeço pelas diárias doses de carinho e por acompanhar todas as etapas da minha vida, torcendo da primeira fila. Aos meus avós, Celso e Maria, pelo carinho e pelo aconchego de todo domingo em família. Ao meu pai, Fábio, e ao meu irmão, Felipe, pelo amor que nenhuma distância consegue diminuir. Por fim, à minha amada mãe, Inajara: obrigada pelos anos de incentivo, de cuidado e de cumplicidade desde que cheguei neste mundo. Obrigada por ser minha maior inspiração e um dos grandes motivos para eu seguir o caminho que sigo. Eu sou porque tu és.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a relação do Brasil com os países árabes dentro do mecanismo de aproximação e de cooperação da Cúpula América do Sul-Países Árabes (ASPA) durante o período de sua existência, de 2005 a 2015. Busca-se dar visibilidade à iniciativa da ASPA ao utilizar a teoria construtivista para que seus objetivos e suas aspirações sejam entendidos considerando fatores que ultrapassam as esferas econômica e política. Por meio de literatura teórica de integração regional, mais especificamente a construtivista, faz-se uma revisão da construção da ASPA, buscando entendê-la como um projeto de cooperação multissetorial que se propôs a ser pioneiro e que representou uma tentativa de algo mais intenso e mais completo. Dedicar-se, dentro dessa análise, atenção especial ao campo das relações acadêmicas idealizadas no âmbito da Cúpula, apresentando os objetivos traçados, os avanços alcançados e os desafios enfrentados na busca do desenvolvimento de uma maior aproximação em questões acadêmico-científicas, especialmente na área de Relações Internacionais. A Cúpula ASPA, entendida como essa semente de aproximação multissetorial e movida pelo desejo de ser um projeto inovador e pioneiro nas dinâmicas de relações Sul-Sul, teve impacto nos aspectos da esfera acadêmica/científica em que ela se propôs a atuar? Esse é o questionamento que motiva a presente discussão, que se busca responder por meio da análise documental das declarações oficiais dos encontros da ASPA e do levantamento de dados, especialmente relacionados à produção de conhecimento, à pesquisa científica e às atividades acadêmicas promovidas pelo Brasil e pela região árabe antes e após o estabelecimento da Cúpula, a fim de traçar um comparativo do que se foi proposto com o que se conseguiu alcançar.

**Palavras-chave:** Cúpula América do Sul- Países Árabes; ASPA; Brasil; Mundo Árabe; Integração Acadêmica; Construtivismo.

## ABSTRACT

This paper aims to analyze the relationship between Brazil and the arab countries within the mechanism of approximation and cooperation of the Summit of South American-Arab Countries (ASPA) during the period of its existence, from 2005 to 2015. It seeks to give visibility to the ASPA initiative, using the constructivist theory so that its objectives and aspirations are understood considering factors beyond the economic and political spheres. This research reviews the construction of the ASPA through theories on regional integration, more specifically the constructivist literature, seeking to understand it as a multisectoral cooperation project that intended to be a pioneering initiative and that represented an attempt at something more intense and more complete. Within this analysis, special attention is devoted to the field of academic relations idealized by the Summit, presenting the objectives outlined, the advances achieved and the challenges faced in the search for the development of a greater approximation in academic-scientific issues, especially in the area of International Relations. Did the ASPA Summit, understood as a seed of multisectoral approach and driven by the desire to be an innovative and pioneering project in the dynamics of South-South relations, had an impact on the aspects of the academic/scientific sphere in which it proposed to act? This is the question that motivates this discussion, which we seek to answer through document analysis of official statements from ASPA meetings and data collection, especially related to the production of knowledge, scientific research and academic activities promoted by Brazil and by the arab region before and after the establishment of the Summit, in order to draw a comparison between what was proposed and what was achieved.

**Keywords:** Summit of South American-Arab Countries; ASPA; Brazil; Arab World; Academic Integration; Constructivism.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 — Trocas comerciais Brasil- países árabes.....	37
Gráfico 2 — Visitas empresariais e de chefes de Estado.....	40
Gráfico 3 — Atividades Culturais.....	43
Gráfico 4 — Universidades que possuem grupos de pesquisa sobre Mundo Árabe.....	55
Gráfico 5 — Cursos de Relações Internacionais que possuem disciplinas sobre Mundo Árabe.....	57
Gráfico 6 — Trabalhos de Conclusão de Curso nas 5 melhores universidades brasileiras.....	58
Gráfico 7 — Publicações em periódicos.....	59

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANBA	Agência de Notícias Brasil-Árabe
ASPA	Cúpula América do Sul Países Árabes
BibliASPA	Biblioteca Centro de Pesquisa da América do Sul, Países Árabes e África
CCG	Conselho de Cooperação do Golfo
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
LEA	Liga dos Estados Árabes
NIEAAS	Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre África, Ásia e as Relações Sul-Sul
OEC	<i>Observatory of Economic Complexity</i>
ONU	Organização das Nações Unidas
RI	Relações Internacionais
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFAC	Universidade Federal do Acre
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFGD	Fundação Universidade Federal da Grande Dourados
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFRR	Universidade Federal de Roraima
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFMS	Universidade Federal de Santa Maria
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UNASUL	União de Nações Sul-Americanas
UnB	Universidade de Brasília
UNIFAP	Universidade Federal do Amapá
UNIPAMPA	Universidade Federal do Pampa
UNIR	Universidade Federal de Rondônia
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 DA ASPA À ATUALIDADE: AS RELAÇÕES ÁRABE-BRASILEIRAS DESDE A CRIAÇÃO DA CÚPULA.....</b>	<b>15</b>
2.1 AS BASES POLÍTICAS, ECONÔMICAS E CULTURAIS DA APROXIMAÇÃO .....	15
2.2 A ASPA SOB A ÓTICA DO CONSTRUTIVISMO: UMA TENTATIVA DE INTEGRAÇÃO REGIONAL?.....	22
2.3 A OFICIALIZAÇÃO DA CÚPULA ASPA E SEUS OBJETIVOS INICIAIS .....	27
2.4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	35
<b>3 AS ÁREAS DE INTEGRAÇÃO E OS IMPACTOS DA CÚPULA NAS RELAÇÕES ÁRABE-BRASILEIRAS.....</b>	<b>36</b>
3.1 INTEGRAÇÃO ECONÔMICA, POLÍTICA E CULTURAL.....	36
3.2 INTEGRAÇÃO ACADÊMICA? AVANÇOS E DESAFIOS DO PROJETO .....	46
3.3 O QUE SE PRETENDIA VS. O QUE SE REALIZOU — UMA ANÁLISE DOS AVANÇOS CONQUISTADOS E DAS DIFICULDADES ENFRENTADAS.....	48
3.4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	60
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>61</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>65</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Cúpula América do Sul-Países Árabes (ASPA) foi criada em 2005 por iniciativa do Brasil sob a gestão do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, tendo como principal objetivo promover a aproximação e a facilitação das relações entre as duas regiões, em um contexto em que a política externa brasileira buscava a criação de outros espaços de atuação e de cooperação internacional (NOTARI, 2017). A ASPA se propôs a ser a união de dois grupos de grande importância regional: a União de Nações Sul-Americanas (UNASUL) e a Liga dos Estados Árabes (LEA), buscando desenvolver as relações entre as regiões em diferentes aspectos, sendo os principais deles: aumento das trocas comerciais, fortalecimento de laços políticos, promoção de intercâmbios culturais e aumento de produção acadêmica e de circulação de conhecimento científico. Desde a sua oficialização, a Cúpula realizou quatro reuniões principais em um período de 10 anos, até ter as suas bases enfraquecidas e ser descontinuada antes que pudesse realizar o seu quinto encontro, previsto para 2018. A I Cúpula ASPA aconteceu em Brasília (2005), a II ocorreu em Doha (2009), a III em Lima (2012) e a IV e última Cúpula se deu em Riade (2015). (BRASIL, 2018).

A estrutura da ASPA era liderada por uma organização central, a Cúpula de Chefes de Estado e de Governo, que se reunia trienalmente nos quatro encontros principais citados acima. Além dela, outros sete conselhos e comitês integravam esse fórum: Conselho de Chanceleres, Conselho de Altos Funcionários, Comitê de Ciência e Tecnologia, Comitê de Assuntos Ambientais, Comitê de Cultura e Educação, Comitê de Economia e Comitê de Assuntos Sociais. A coordenação regional árabe era realizada pela LEA e a coordenação regional sul-americana era encabeçada pela UNASUL (BRASIL, 2017).

Dentre as diferentes áreas que a Cúpula buscou promover, algumas ganharam destaque nas reuniões realizadas ao longo dos anos, principalmente as esferas econômica, política, cultural e acadêmica/científica. O presente trabalho explora a relação do Brasil com os países árabes, antes e após a criação da Cúpula, considerando os pontos apresentados na sua formação e desenvolvidos na busca de uma maior aproximação das regiões sul-americana e árabe. Foca-se, em particular, nos objetivos construídos pensando em avanços relacionados à pesquisa, construção de conhecimento, intercâmbio de estudantes e de professores e atividades de aproximação universitária. Esses itens compõem o que vai ser apresentado e explorado no decorrer deste trabalho como “esfera acadêmica” e “esfera acadêmica/científica”. Escolheu-se essas nomenclaturas porque são os termos que aparecem nas declarações finais dos encontros promovidos pela ASPA e, além disso, porque o foco será

nas metas traçadas, nos avanços realizados e nos desafios enfrentados no âmbito da educação superior e do desenvolvimento de pontes entre pesquisadores, por meio da produção de conhecimento acadêmico, abraçando uma parte mais específica dentro da ampla definição de “integração educacional”, que acaba abrangendo outras iniciativas.

Procura-se compreender a ASPA por meio da lente do construtivismo e com o apoio de seus conceitos, a fim de inserir esse projeto nas dinâmicas de Relações Internacionais como uma aspiração a algo maior e que, se tivesse sobrevivido às dificuldades, poderia ter se desenvolvido em direção a uma cooperação mais plena ou, eventualmente, até mesmo em um processo de integração. Nesse sentido, a pergunta de pesquisa que se busca responder ao longo da reflexão proposta é: a Cúpula ASPA, entendida como essa semente de aproximação multisetorial e movida pelo desejo de ser um projeto inovador e pioneiro nas dinâmicas de relações Sul-Sul, teve impacto nos aspectos da esfera acadêmica/científica em que ela se propôs a atuar? Entende-se “impacto” como os avanços que a Cúpula conseguiu obter, bem como as atividades que as regiões envolvidas conseguiram desenvolver no âmbito acadêmico, promovidas diretamente pela ASPA ou simplesmente pelo interesse que os países desenvolveram mutuamente durante esse período de estreitamento de laços e de maior aproximação.

Para conseguir responder tal questionamento, motivado primordialmente pela curiosidade em conhecer mais a fundo as relações que unem a América do Sul e o Mundo Árabe, a presente monografia se divide em dois grandes momentos. O primeiro deles é explorado ao longo do segundo capítulo, no qual se busca traçar um histórico das relações árabe-brasileiras, a fim de se estabelecer as motivações que poderiam ter levado as duas regiões a unirem forças nas sessões da Cúpula ASPA. Além disso, é no segundo capítulo que se apresenta detalhadamente a criação oficial desse projeto, bem como os objetivos iniciais que foram traçados na Declaração de Brasília, buscando definir um ponto de partida para a análise do que foi conquistado e o que não conseguiu ser desenvolvido ao longo dos encontros posteriores. É ainda no segundo capítulo que se discute a luz trazida pelo construtivismo quando utilizado como teoria para observar a iniciativa da ASPA, destacando alguns pontos que vêm à tona com a escolha dessa base teórica para a análise do projeto.

Inicia-se a terceira grande parte com a breve apresentação das propostas e dos avanços realizados nas outras três das quatro áreas abordadas pelos documentos da Cúpula: economia, política e cultura. Este capítulo é voltado especialmente para as reflexões a respeito da última das quatro áreas analisadas — a acadêmica — sendo nesta o foco principal do trabalho para que se possa responder à pergunta de pesquisa apresentada anteriormente. Dessa

maneira, busca-se passar um “pente fino” nas declarações oficiais dos eventos da Cúpula, bem como nos pronunciamentos envolvendo questões acadêmicas. Adiciona-se a isso gráficos e números levantados com base em informações coletadas ao longo da pesquisa, com a intenção de acompanhar, de forma mais clara, se houve ou não impacto por parte das iniciativas da Cúpula ASPA nos processos de aproximação e de maior integração acadêmica/científica.

Trata-se de estudo exploratório, de abordagem qualitativa, que tem suas bases teórico-metodológicas calcadas nos estudos construtivistas de Relações Internacionais e que busca interpretar aspectos e relacionar elementos do tema proposto, bem como apresentar contribuições da literatura construtivista para a discussão a respeito do papel desempenhado pela ASPA na coordenação de esforços de cooperação nos mais variados setores. Para isso, utiliza-se literatura relacionada às teorias de integração regional, em especial de enfoque construtivista e faz-se análise documental das declarações dos encontros da Cúpula, bem como outros documentos oficiais produzidos em relação ao tema.

A análise documental utiliza-se, ainda, de artigos jornalísticos publicados durante o período de existência da Cúpula, que permitem contextualizar os eventos referidos nos documentos e trazer nuances para fatos e agendas. Com o objetivo de fundamentar o trabalho, junta-se a isso, a apresentação de dados econômicos, culturais, políticos e acadêmicos para fins de constatação dos avanços das relações do Brasil com os países árabes nas áreas analisadas, desde a criação da Cúpula.

Apresenta-se o Brasil como peça chave na formulação e no desenvolvimento do projeto da ASPA e analisa-se a iniciativa de aproximação das duas regiões sob a ótica dos estudos a respeito dos processos de integração dentro de Relações Internacionais. Por se tratar de um estudo de caso que tem o Brasil como objeto principal de análise dentro do processo de formação e de desenvolvimento dos objetivos da Cúpula ASPA, com a discussão voltada especialmente para os avanços e os desafios dos esforços na área de integração acadêmica, o tema escolhido dialoga tanto com as discussões teóricas a respeito das dinâmicas de integração quanto com debates a respeito da pesquisa e da produção de conhecimento em Relações Internacionais, procurando compreender o impacto da ASPA nessa frente de atuação, mais especificamente no Brasil.

## **2 DA ASPA À ATUALIDADE: AS RELAÇÕES ÁRABE-BRASILEIRAS DESDE A CRIAÇÃO DA CÚPULA**

Este capítulo tem como objetivo traçar um panorama das relações árabe-brasileiras, partindo do histórico de relações sociais, econômicas e culturais que permeiam as dinâmicas entre as duas regiões. Apresenta-se a ideia da iniciativa sob a ótica das lentes de integração, alinhadas ao arcabouço teórico da teoria construtivista, para que seja possível compreender as propostas da ASPA para além das restrições de teorias mais clássicas de Relações Internacionais. Trabalha-se, também, a idealização e a oficialização da Cúpula ASPA, destacando pontos de sua declaração inicial e explorando os tópicos dos encontros que se seguiram, construindo uma análise das propostas e das conquistas nos âmbitos cultural, econômico e político.

### **2.1 AS BASES POLÍTICAS, ECONÔMICAS E CULTURAIS DA APROXIMAÇÃO**

Antes de se pensar sobre a criação da Cúpula América do Sul-Países Árabes (ASPA) e de trazer para discussão as suas propostas e os seus avanços, é necessário que se observe, também, o contexto mais amplo em que o Brasil e a sua política externa estavam inseridos nos anos 2000, principalmente durante o primeiro governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Com início no ano de 2003, o primeiro mandato de Lula na Presidência da República marcou também o ano em que o Brasil propôs pela primeira vez a criação de um mecanismo de aproximação entre os países sul-americanos membros da União das Nações Sul-Americanas (UNASUL) e os países integrantes da Liga Árabe (LEA) (BRASIL, 2018).

É importante lembrar que, até os anos 2000, as relações econômicas da América Latina eram muito focadas na figura dos Estados Unidos e muito pautadas pela sua dinâmica de influência, o que não era diferente no caso do Brasil. A mudança no posicionamento latino-americano em direção à região árabe não havia sido considerada amplamente como um caminho válido na dinâmica internacional conhecida até então. Além disso, fatores como distância geográfica e divisões internas em cada uma das regiões contribuíam para a dificuldade de uma sólida relação de cooperação Sul-Sul dos países latinos, mais especificamente os sul-americanos, com o Mundo Árabe. Foi com o fim da Guerra Fria e com a chegada do novo milênio que as duas regiões começaram a expressar o desejo de diversificar seus mercados de importação e exportação e a caminhar rumo à construção de uma relação mais íntima. Nesse sentido, o Brasil demonstrava cada vez mais sua vontade de

explorar novos aliados e novas oportunidades de projeção da política externa brasileira (BLESA, 2020).

O projeto do governo brasileiro em busca do estabelecimento de um foro de cooperação e de estreitamento de laços com as nações árabes foi apenas uma dentre várias iniciativas colocadas em prática com o objetivo de conceder ao país uma posição de liderança e de autonomia em arenas de negociação multilaterais e em processos de organização regional. A garantia e a preservação da capacidade de ação do Brasil frente às estratégias das grandes potências e a articulação de uma aproximação real e cada vez mais prática com outros países periféricos eram enxergadas como os principais desafios para a política externa brasileira da época e pautaram fortemente as decisões tomadas no âmbito internacional (GUIMARÃES, 2006). Nesse contexto, os esforços do Brasil de Lula foram orientados no sentido do estabelecimento de um “multilateralismo da reciprocidade” (CERVO, BUENO, 2015, p. 530), que prezava não apenas pela mutualidade no âmbito econômico-comercial, mas visava uma troca também nas mais variadas áreas de atuação internacional, como por exemplo: segurança, saúde, direitos humanos, educação e meio-ambiente. Buscava-se, portanto, estabelecer relações com países que desejassem se beneficiar de trocas com o Brasil e que, ao mesmo tempo, trouxessem benefícios para os interesses nacionais e internacionais brasileiros.

Dentro desse cenário, o Brasil procurou diversificar suas relações e aumentar sua rede de contatos internacionais, fortalecendo laços já existentes e dando início a novos projetos de cooperação que começaram a se expandir para além de seus vizinhos de continente, o que fez com que o país conseguisse estabelecer uma aproximação cada vez maior com o Mundo Árabe. O objetivo anunciado do Brasil, ao propor um projeto como o da Cúpula América do Sul-Países Árabes, era criar novos arranjos políticos e comerciais que pudessem contrabalançar o poder das potências tradicionais e, ao mesmo tempo, aproximar os líderes de duas regiões periféricas do cenário internacional em busca de uma atuação mais próxima e ativa em questões diplomáticas, econômicas, políticas e culturais (NOTARI, 2017). A intenção brasileira era utilizar o estreitamento de laços com as nações árabes para conseguir impulsionar a participação de ambas as regiões no cenário internacional (CERVO, BUENO, 2015). Essa intenção foi um dos fortes motivadores para que a proposta de um projeto de integração e de cooperação entre a América do Sul e o Mundo Árabe — feita inicialmente pelo Brasil em 2003 — fosse colocada em prática dois anos mais tarde com a formalização da Cúpula ASPA, em 2005 (BRASIL, 2018).

Além de compreender algumas das intenções por trás da iniciativa brasileira de criação da ASPA, é necessário também que se consiga visualizar, ainda que de maneira resumida, o contexto mais amplo envolvendo as nações árabes, para que seja possível traçar em paralelo alguns dos fatores que podem ter sido importantes na identificação com as propostas brasileiras e com os desafios sul-americanos. Tal paralelo é apoiado fortemente na relação histórica existente principalmente entre o Brasil e o Mundo Árabe, especialmente quando se pensa no legado de conexões estabelecidas desde as primeiras ondas de migrações árabes para o território brasileiro ainda no século XIX, período no qual a língua árabe desempenhou um papel fundamental no estreitamento dos laços entre as duas regiões, principalmente porque estava entre as línguas faladas pelos ativistas e revolucionários abolicionistas, ao lado de dialetos africanos (FARAH, 2017).

Apesar de serem regiões geograficamente distantes e culturalmente bastante distintas, a presença árabe no Brasil — assim como em outros países sul-americanos — não ficou restrita a uma única onda de migrações ou a um período isolado na história, mas se mostrou como uma prática de séculos de viagens e de integração social e comercial de milhões de árabes que passaram pelo território brasileiro e aqui se estabeleceram (OĞUZ, 2018). Segundo a Agência de Notícias Brasil-Árabe (ANBA), uma pesquisa realizada pela Câmara de Comércio Árabe-Brasileira em 2020 aponta que a comunidade árabe representa 6% da população do Brasil, totalizando 11,61 milhões de pessoas - entre árabes e descendentes (SOUSA, 2020). A fim de traçar um panorama ainda mais completo a respeito da comunidade que reside no país, a pesquisa traz dados mais apurados como faixa etária, distribuição territorial, identificação religiosa e classificação socioeconômica.

Ainda que a comunidade árabe no Brasil seja considerada a maior fora do Oriente Médio (FARAH, 2017), pode-se observar que, historicamente, as relações entre Brasil e Mundo Árabe foram pautadas primordialmente por relações e trocas de cunho bilateral, com objetivos comerciais e econômicos. Exemplo disso é o fato de que, até a chegada de Lula à Presidência da República, nenhum presidente brasileiro havia realizado uma visita oficial a nenhum país árabe<sup>1</sup>. O último chefe de Estado a realizar tal iniciativa havia sido Dom Pedro II, ainda no século XIX (DANIEL, 2010; FARAH, 2017). Essa mudança no olhar e no posicionamento do Brasil em direção ao Mundo Árabe foi muito bem recebida pelos Estados da região e foi responsável por espalhar a imagem de um Brasil neutro, amigo e confiável (DANIEL, 2010). Inicialmente, tal imagem foi muito associada à figura e ao carisma do

---

<sup>1</sup> Em sua primeira passagem pela região, Lula visitou Síria, Líbano, Emirados Árabes Unidos, Egito e Líbia (KHADER; BLES, 2020).

presidente Lula, mas é importante ressaltar que a construção dessa proximidade se deve também ao trabalho de entidades que desempenharam um forte papel no estreitamento desses laços, precedendo o acolhimento demonstrado pelo então presidente brasileiro. Este é o caso da Câmara de Comércio Árabe Brasileira, que há 70 anos trabalha para o fortalecimento das relações entre as duas regiões e que teve, não somente na gestão de Lula, mas também no projeto da ASPA como um todo, a oportunidade de prosperar ideias e planos que já tinham sido plantados em outros momentos e que estavam na espera da atenção necessária para florescer (DANIEL, 2010). Dado este panorama, é natural que surja o questionamento a respeito dos aspectos que levaram os Estados árabes a tomarem a decisão de formalizar um projeto de integração e de comunhão com os interesses sul-americanos.

A primeira motivação que vem à mente quando se pensa em observar essa iniciativa como um processo de integração regional pelos olhos das Relações Internacionais, com certeza é a motivação econômica. Nesse sentido, como citado anteriormente, a ASPA não se mostrou como a primeira tentativa de aproximação comercial ou até mesmo de incremento das trocas econômicas entre as regiões, uma vez que as dinâmicas comerciais já vinham sendo exploradas durante vários anos, com atividades promovidas e oficializadas inclusive pela Câmara de Comércio Árabe Brasileira que, desde a sua fundação em 1952, tem realizado missões empresariais, feiras e rodadas de negócios, workshops e acordos comerciais envolvendo o Brasil e os países árabes (FONSECA, 2022).

Por mais que o interesse econômico não tenha se mostrado como novidade na configuração inicial da ASPA e que esse não seja o único motivador para o estabelecimento de laços de cooperação, é impossível negar o peso que as aspirações econômicas desempenharam no esboço da Cúpula e os avanços proporcionados por ela quando se pensa nessa área em específico. Como apontado pelo vice-presidente de Marketing da Câmara Árabe, Rubens Hannun: “Desde a primeira visita (do presidente Lula) o comércio começou a crescer e não parou mais. Só parou durante a crise (econômica mundial) e mesmo neste período caiu menos do que o comércio do Brasil com outras regiões” (DANIEL, 2010).

A fala de Hannun vai ao encontro dos dados levantados sobre as trocas comerciais entre Brasil e mundo árabe desde a primeira visita de Lula à região: de 2003 a 2009 as exportações brasileiras cresceram 240%, de US\$ 2,7 bilhões para US\$ 9,4 bilhões (DANIEL, 2010). Por este motivo, serão explorados, na subseção seguinte, os pontos econômicos e comerciais que foram apresentados na Carta de Brasília e continuaram a ser explorados nos encontros seguintes da Cúpula, com o objetivo de traçar um panorama dos avanços realizados nessa frente.

Além das motivações econômicas, entretanto, não se pode deixar de apontar também a importância de fatores políticos, sociais e culturais na construção do interesse que guiou os Estados árabes em direção à cooperação com os países sul-americanos. Em relação aos dois últimos fatores, o histórico de migração já citado desempenhou e continua a desempenhar um forte papel na construção de interesses e de aspirações comuns entre as duas regiões, uma vez que ambas compartilham uma identidade e uma série de valores — cultura, tradição, língua — que integram tanto a população árabe que habita em seu território de origem quanto a que se encontra espalhada em solo brasileiro. É importante ressaltar neste ponto que, quando se fala da extensa vinda de árabes ao Brasil ao longo dos séculos, se fala também de uma migração de ideias, que viajam com as pessoas e se enraízam na reprodução de práticas e de discursos (FERABOLLI, 2015).

Por esse ângulo, é possível estabelecer uma relação entre a comunidade que começava a crescer e a prosperar na América do Sul no século XX, e a ideia do Nacionalismo Árabe que se desenvolvia entre intelectuais e políticos na mesma época, trazendo a idealização de uma unidade entre os povos árabes (OAKES, 2021). Ainda que não seja o objetivo do presente trabalho entrar em pormenores teóricos da caracterização e da diferenciação dos conceitos de Nacionalismo Árabe e Pan-arabismo<sup>2</sup>, destaca-se aqui a importância deste momento de identificação como um reconhecimento conjunto de caráter étnico, que se sobrepõe até mesmo ao reconhecimento da nacionalidade de cada Estado e que se apoia na construção de uma identidade social coletiva (VICENZI, 2006).

Não por coincidência, foi com a diáspora árabe que essas ideias chegaram ao Brasil, se espalharam pela população que se formava no país e passaram a ser difundidas também em solo brasileiro. Diversas organizações internacionais e regionais foram criadas sob a influência desse ideal nacionalista, como a Liga dos Estados Árabes, fundada em 1945; a República Árabe Unida, de 1958; a Federação das Repúblicas Árabes, criada em 1971; o Conselho de Cooperação do Golfo, de 1981; a União do Magreb Árabe, de 1989 e o Conselho de Cooperação Árabe, fundado em 1989 (FERABOLLI, 2007).

Foi seguindo essa mesma linha que organizações foram criadas também na América do Sul e no Brasil, com o surgimento das câmaras de comércio árabes, responsáveis por centralizar demandas coletivas — e não somente de um Estado específico — e que encontraram espaço e receptividade nos países sul-americanos (FERABOLLI, 2015).

---

<sup>2</sup> Ao acionar tais conceitos, buscou-se trazer para a presente discussão as premissas centrais de constituição da união árabe, muito apoiada na identificação de patrimônio linguístico, cultural, religioso e histórico comum (PINTO, 2015).

Posteriormente, estes mesmos mecanismos seriam os responsáveis pela promoção de atividades econômicas e pela aproximação comercial do Mundo Árabe com a América do Sul — com forte destaque para a Câmara de Comércio Árabe-Brasileira no caso do Brasil. Assim, quando o então presidente Lula realizou uma visita oficial à região em 2003, os séculos de ausência de governantes brasileiros em terras árabes não se refletiam em uma total ausência de relações árabe-brasileiras, nem tampouco representavam a inexistência de interesses em comum. Pelo contrário: a visita e a disposição de Lula representaram mais um passo em direção ao estreitamento de laços de uma relação histórica de migrações, de trocas culturais e de desenvolvimento comercial existente há muito tempo, mas que nunca havia sido amplamente institucionalizada, pelo menos não no mesmo formato e com a mesma ambição que o estabelecimento da Cúpula ASPA representou (FERABOLLI, 2015).

É nesse sentido que se destaca aqui o papel essencial desempenhado pela Câmara Árabe-Brasileira em chamar a atenção de Lula para o potencial da região. Nas palavras do vice-presidente de marketing do organismo, em ocasião da celebração do dia da Comunidade Árabe no Brasil, em 2010: “A semente já estava plantada, mas ele [Lula] regou” (DANIEL, 2010). Como busca-se evidenciar no presente trabalho, não foi somente a mudança da postura oficial do Estado brasileiro rumo a uma maior aproximação com a região árabe — representada principalmente na figura do presidente Lula — que culminou na proposta do Brasil de criação da ASPA, nem somente a histórica relação migratória, econômica e cultural de constituição da população árabe-brasileira. A soma de diversos fatores, sejam eles políticos, comerciais, sociais ou culturais, foi o que construiu, desenvolveu e sustentou um discurso de identificação não somente nacional, ou árabe, ou sul-americano, mas sim um discurso de identificação dessa região como única, conjunta e, principalmente, unida na busca de soluções para desafios e demandas comuns.

Como se pode perceber, portanto, os fatores até aqui apresentados como influentes nessa dinâmica de aproximação entre as regiões estudadas não se limitam apenas ao campo político, ou apenas ao econômico ou ao cultural, mas permeiam diversas camadas de um e de outro, transitando entre atores que tiveram papéis importantes em mais de um momento da relação Brasil-Mundo Árabe. Como a análise aqui proposta não se baseia em inferências alheias à realidade, mas busca se colocar totalmente inserida nela, se torna inviável e até mesmo improdutivo que se apresente a dinâmica de estabelecimento da ASPA e seus motivadores — tanto do lado brasileiro quanto do lado árabe — de forma isolada e individual. Ao se pensar nos fatores políticos que foram também responsáveis pela construção do interesse árabe em integrar conjuntamente um fórum de cooperação com a América do Sul, se

percebe que eles estão fortemente conectados a um passado de relações econômicas e de laços culturais, ao mesmo tempo que se comunicam também com as aspirações futuras desses mesmos aspectos.

Feito o esclarecimento anterior, ainda assim busca-se trazer o que se considera o principal fator de influência política na aceitação do estabelecimento da ASPA por parte dos Estados árabes. Nesse sentido, destaca-se como essencial a reflexão a respeito das aspirações que moviam a Liga dos Estados Árabes como uma organização de caráter político (PINTO, 2015). Levando-se em conta principalmente o contexto no qual tal organização foi criada, fortemente influenciada pelos ideais do nacionalismo árabe e voltada para a articulação de demandas políticas e econômicas com o objetivo de dar expressão às nações árabes, é possível identificar o peso da oficialização de uma cúpula que carrega em seu nome a representação — e com isso a legitimação — das duas regiões envolvidas nessa dinâmica como regiões existentes no globo e, acima de tudo, nas Relações Internacionais. Ao mesmo tempo em que a ASPA trouxe a representação da América do Sul como grupo ativo, reforçando o discurso brasileiro na busca de uma união sul-americana para além de uma identificação latina, o estabelecimento da Cúpula América do Sul-Países Árabes representou também uma oportunidade de projeção de poder da própria Liga Árabe como instituição. Isso porque reforçou a existência da LEA como a representante legítima das 22 nações árabes, ao mesmo tempo que fortaleceu instituições regionais exclusivamente árabes em relação a alternativas regionais propostas por países europeus e sujeitas às suas demandas e interesses (FERABOLLI, 2015).

Depois de percorrer o caminho definido para iniciar o presente capítulo entendendo as dinâmicas e os aspectos que levaram tanto o Brasil quanto os países árabes a convergirem para a criação da ASPA, considera-se importante prosseguir para a discussão a respeito da definição da Cúpula como um projeto de integração dentro das teorias de Relações Internacionais. Isso porque se julga importante que tal definição teórica fique clara antes que seja possível avançar para análises mais práticas e profundas sobre a oficialização deste fórum de cooperação e das suas aspirações iniciais. Dessa forma, os fatores trazidos no panorama de relações e de interesses anteriormente construído já foram pensados com o entendimento de que a iniciativa da Cúpula ASPA pode ser observada pela lente da abordagem construtivista de integração regional, levando em conta aspectos que fogem às teorias mais clássicas de Relações Internacionais, primordialmente preocupadas em definir tais processos com um viés econômico e comercial. Como se pretende defender em seguida, este trabalho explora uma linha de análise voltada também para aspectos sociais, culturais e políticos, apoiando-se

fortemente na formação de discursos e na propagação das práticas discursivas como definidores de uma identidade e de um sentimento conjunto de reconhecimento.

## 2.2 A ASPA SOB A ÓTICA DO CONSTRUTIVISMO: UMA TENTATIVA DE INTEGRAÇÃO REGIONAL?

Quando se pensa no conceito de integração regional dentro das Relações Internacionais é importante, primeiramente, reconhecer que são diversas as abordagens que se propõem a analisar este tema e que, entre elas, existem diferenças. Além disso, é essencial que se reconheça que essas diferenças estão intimamente ligadas à própria perspectiva que cada teoria carrega para o debate e para a análise teórica, conferindo diferentes níveis de relevância para determinados atores e fatores que compõem a ampla área de estudos de Relações Internacionais. É fundamental que se mantenha em mente que regionalismo e integração regional podem significar diferentes conceitos, para diferentes pessoas, em diferentes contextos (SÖDERBAUM, 2013). Portanto, antes que se possa defender o projeto da Cúpula ASPA como uma válida dinâmica de integração regional, é necessário que se entenda a lente pela qual se escolhe observar tal iniciativa, considerando suas premissas, sua capacidade de alcance e suas limitações.

O amplo campo de Teoria de Relações Internacionais — com letra maiúscula — é o campo que se propõe a pensar e a estudar as mais diversas abordagens, correntes de pensamento, visões e premissas que podem convergir em alguns aspectos e divergir em outros, formando o que se conhece como as diferentes teorias de Relações Internacionais — estas com letra minúscula, entendidas como conjuntos de ideias que se consolidaram no pensamento científico e na pesquisa na área de RI. Ainda que as teorias sigam caminhos diferentes em suas abordagens e que cada uma tenha seu enfoque e suas particularidades, todas elas se propõem a representar o pensamento e a ação dos atores na esfera internacional, buscando o objetivo comum de descrever, entender e explicar os fenômenos das Relações Internacionais, em diferentes níveis e com diferentes agentes envolvidos (CASTRO, 2012).

Para propor essa reflexão acerca das diferenças epistemológicas existentes entre as abordagens teóricas em Relações Internacionais, foi considerada, primeiramente, a divisão proposta por Steve Woolgar em três tipos de perspectivas sobre o impacto das ideias na construção da realidade<sup>3</sup>: a reflexiva, a constitutiva e a mediativa. Enquanto as abordagens

---

<sup>3</sup> A divisão proposta pelo sociólogo se coloca no debate conceitual sobre pesquisa científica no campo das ciências humanas considerando, principalmente, o estudo da ciência como algo social. Por este motivo,

reflexivas entendem que a realidade não depende da percepção e da compreensão cognitiva, mas pode ser descrita a partir dela, as abordagens constitutivas enxergam que a realidade material não é capaz de ser conhecida para além das ideias humanas. A perspectiva mediativa, por fim, defende um tipo de meio-termo entre estes dois extremos, ao afirmar que os conhecimentos e os fatores sociais não são exclusivos na formação da realidade, mas são responsáveis também pela sua construção e transformação (WOOLGAR, 1983).

As teorias clássicas de Relações Internacionais se enquadram na primeira definição de Woolgar, uma vez que são pautadas pelo positivismo científico e defendem, ainda que em diferentes níveis, que as ideias têm pouca ou nenhuma capacidade de estruturar a realidade, servindo apenas de refletí-la, funcionando como um espelho do mundo real, que não depende de crenças individuais ou coletivas para existir. Seguindo para o campo do pós-estruturalismo e das abordagens pós-modernas, já é possível identificar um peso maior de fatores sociais, cognitivos e interpretativos na análise das relações internacionais, conversando muito mais com a classificação de perspectivas constitutivas. Sendo assim, teóricos dessas linhas se propõem a uma reflexão que já considera níveis mais avançados de influência do campo das ideias no campo material, de forma que a realidade se torna muito mais uma construção simbólica, teórica e discursiva e não tanto mais uma construção histórico-social (ADLER, 1999). Com sua origem em uma raiz multidisciplinar fortemente ligada às ciências sociais e à ciência política, considera-se a escola construtivista como inauguradora do terceiro grande debate em Relações Internacionais, uma vez que ela propõe a abertura de novos caminhos para processos de construção mútua, ligando intimamente o saber e o agir e colocando outros aspectos em foco, para além de estrita atuação dos Estados (CASTRO, 2012). É crucial que se entenda que o ponto central do debate construtivista não se trata de uma disputa entre ciência e interpretação, mas sim sobre a própria natureza da ciência social, que ultrapassa a concepção naturalista de ciência, e do que está envolvido na pesquisa científica na disciplina de Relações Internacionais (ADLER, 1999).

É interessante observar como os termos e as nomenclaturas desempenham certos papéis e podem contribuir para reforçar uma linha teórica, ao mesmo tempo que a distanciam de outras por conferirem um tom de singularidade à discussão proposta. Diferente de correntes realistas em que “ator” é o termo utilizado para descrever o ente central de suas abordagens, ou do termo “sujeito” frequentemente abordado nas obras liberais, o

---

apresenta-se o campo de Relações Internacionais como parte da discussão mais ampla, uma vez que se enxerga, no presente texto, a área de RI como uma área pertencente não somente aos campos da Política, da Economia e da História, mas pertencente também às Ciências Sociais e suas reflexões.

construtivismo utiliza a expressão “agente” para abordar os responsáveis pelos atos no âmbito internacional, com o objetivo de conferir peso às capacidades de ação e de transformação, muito prezadas dentro da linha de pensamento construtivista (CASTRO, 2012). Outro termo de extrema importância para a teoria é o de “estrutura”, que se refere ao ambiente, ao cenário, ao contexto internacional. Esse termo aparece na lógica construtivista na dicotomia agente-estrutura, seguindo uma dinâmica similar à de homem-meio ou à de indivíduo-contexto. Os agentes e a estrutura interagem intensamente e é nessa interação que repousam as relações internacionais, com suas complexidades, sua intensidade e suas limitações (HURD, 2008; CASTRO, 2012).

Ainda que as abordagens construtivistas sigam no caminho interpretativista, elas acabam adotando uma posição considerada por Woolgar como mediativa. Isso porque embora aceitem a existência de um mundo real/material, elas defendem que ele não é exclusivamente definido pela realidade física, mas sim uma combinação de fatores que envolve, também, a construção social, ligada intimamente à atribuição individual e coletiva de sentidos, funções e significados (ADLER, 1999). Os valores, as ideias, as crenças e os pensamentos são premissas de extrema importância para a abordagem construtivista, possuindo ainda mais peso e força do que as estruturas materiais dentro de um processo dinâmico que envolve agentes e estrutura e que é responsável por construir o *ethos*<sup>4</sup> das Relações Internacionais (CASTRO, 2012).

Essa mesma linha de pensamento pode ser seguida quando se usa a teoria construtivista para se debruçar sobre o tema da integração regional. Buscando trazer um entendimento social das configurações regionais, o construtivismo defende que tais espaços são socialmente construídos e, com isso, apresenta como o centro da discussão a ideia de que não existem regiões — e organizações regionais — naturais (SÖDERBAUM, 2013). Ao fazer isso, a seguinte pergunta aparece: se não existem regiões naturais, mas sim regiões construídas, por qual razão estes espaços se formam?

Para responder a este questionamento, a teoria construtivista recorre a fatores essencialmente ligados à ação e interpretação humanas e à formação de identidade, substituindo a ideia de determinismo e abrindo espaço para cultura, sociedade e política aparecerem como aspectos cruciais na estruturação ou na desestruturação de identidades e, conseqüentemente, de ações coletivas (SÖDERBAUM, 2013). No caso de teorias de integração regional, tais fatores são acionados para entender o que motiva países e regiões

---

<sup>4</sup> Termo utilizado aqui como conjunto dos costumes e de hábitos fundamentados e reforçados por comportamentos, por instituições e por cultura — valores, ideias ou crenças.

distintas a se unir, tentando explorar os interesses que movem os Estados para além das motivações apresentadas como únicas e indispensáveis em abordagens mais clássicas, como as de cunho econômico e comercial. Ainda que haja um certo grau de rivalidade com as teorias que se encontram no centro do pensamento clássico de Relações Internacionais, seguir essa linha de raciocínio possibilita que se traga para a discussão fatores que antes eram considerados irrelevantes na dinâmica entre Estados e que ficavam restritos somente a análises sociológicas e filosóficas, sem conseguir avançar para o espaço de discussão acadêmico de RI (SÖDERBAUM, 2015).

A própria experiência latino-americana é um exemplo de novas raízes e trajetórias do regionalismo (FAWCETT, 2005), desde o desenvolvimento do sentimento de unidade que começou a ser fortemente defendido durante as lutas de independência das colônias espanholas no século XIX, até movimentos contemporâneos de criação de conferências e de mecanismos de integração e de cooperação entre as nações latinas, como por exemplo a Organização dos Estados Americanos (OEA) (SÖDERBAUM, 2015). Ainda que muitos processos de integração regional envolvendo países emergentes tenham sido criados à imagem de um modelo Europeu e seguindo pilares pré-estabelecidos do que era — e até hoje costuma ser — considerado como um processo bem sucedido de integração, é preciso pontuar que a crescente multidimensionalidade do regionalismo resultou na expansão da agenda de interesses e, inclusive, na aceitação de novos modelos de análise para este fenômeno.

O caminho que se busca traçar neste trabalho, portanto, se apoia na perspectiva construtivista a fim de fazer uso das suas ferramentas teóricas para entender a iniciativa da Cúpula ASPA como um processo de integração regional, ressaltando a importância de um debate teórico que se proponha a analisar este mecanismo como parte integrante e relevante de área de Relações Internacionais. Para isso, enxerga-se como principal ponto de partida a necessidade de enquadrar o processo de integração regional como algo que transcende aspectos econômicos e que pode ser observado como uma prática discursiva, de construção de identificação e de consolidação de identidade. É por este ângulo de observação que se reforça a ideia de que não existem regiões naturais pré-definidas, mas construídas socialmente e que, por isso, não existem “interesses regionalistas” (SÖDERBAUM, 2015, p. 18), quando na verdade o que acontece é a construção e a formação desses interesses e dessas identidades no próprio processo de interação e de entendimento subjetivo.

A construção do espaço inter-regional da Cúpula ASPA se deu, na verdade, antes mesmo de sua oficialização no ano de 2005. Isso porque, ao se considerar os movimentos migratórios, a crescente formação de uma comunidade árabe em solo sul-americano,

especialmente em solo brasileiro, ao longo dos anos e somando a isso as trocas culturais e também econômicas que existiam antes mesmo da política de aproximação institucionalizada das duas regiões, é possível entender alguns pontos que contribuíram para a formação de um senso de identificação comum entre o Mundo Árabe e a América do Sul como espaços que ocupavam locais similares no cenário internacional e que poderiam se beneficiar da integração de seus esforços.

A criação da ASPA, entretanto, serviu como legitimadora desses interesses, ao mesmo tempo que se propunha a ser mecanismo de facilitação para a execução dos mesmos. Enquanto reforçou a existência de uma região sul-americana e de uma região árabe no globo, também serviu para legitimar uma narrativa inter-regional de conversão de valores e de práticas guiada pelo discurso de aproximação e de cooperação (FERABOLLI, 2015). A fala do presidente Lula na sessão de abertura da Cúpula em 2005, explicita este discurso em trechos como:

Nosso encontro é uma demonstração de confiança no diálogo como forma de aproximar países distantes, culturas distintas e percepções diferentes do mundo. Ele expressa a confiança no poder do conhecimento mútuo como fator de aproximação e entendimento. Compartilhamos valores: a tolerância e o respeito mútuo, o culto à diversidade, a aspiração ao desenvolvimento (BRASIL, 2005).

Além de ressaltar a importância do primeiro encontro da ASPA para a aproximação das duas regiões, a fala de Lula defende a relevância de fatores como diálogo e conhecimento no processo de aproximação e de entendimento mútuo entre os atores que se integram no projeto da Cúpula. Ao se considerar tais fatores sob a luz da perspectiva construtivista, é possível que se enxergue uma nova natureza de formação de regiões, pautada na multiplicidade de estratégias e de ideias que se misturam na construção social e política desses espaços. É possível também, que se perceba estes projetos regionais como obras pensadas e executadas por atores tanto estatais quanto não estatais mas, acima de tudo, humanos (SÖDERBAUM, 2013).

Ainda no contexto de sua fala de abertura do primeiro encontro da Cúpula, destaca-se aqui mais um trecho que se considera relevante para análise:

No caminho que nos trouxe a esta reunião, nos motivou, sobretudo, o entusiasmo e a emoção que a iniciativa provocou nas comunidades de origem árabe na América do Sul. Para o Brasil e o nosso Continente esta cúpula tem o sabor de um reencontro. O reencontro dos sul-americanos com uma civilização que nos chegou primeiro pela herança ibérica e, depois, pela imigração. Esses valores são hoje parte indissociável de nossa própria identidade. Mais do que resgatar vínculos sentimentais, buscamos valorizar esse patrimônio para abrir um novo

capítulo nas relações entre duas importantes regiões do mundo em desenvolvimento (BRASIL, 2005).

Importante perceber, nessa passagem, o destaque que a relação árabe-sulamericana recebe, principalmente ao se apresentar o entusiasmo e o sentimento da comunidade árabe como aspecto motivador para uma decisão que poderia ser apresentada somente com suas motivações político-estratégicas. Ao mesmo tempo em que retoma o discurso sobre os valores compartilhados entre as regiões, salientando a influência deles na formação da identidade sul-americana, Lula reconhece a posição do Mundo Árabe e da América do Sul como regiões importantes no contexto dos países emergentes no cenário internacional.

Ao chamar a atenção para alguns dos pontos abordados no pronunciamento de abertura da I Cúpula ASPA, busca-se observar para além do tradicional “*Old Regionalism*”<sup>5</sup>, ao considerar que outros fatores além do econômico desempenham papel essencial na formação de regiões e de processos de integração regional. Ao fazer esse movimento, inúmeras regiões e processos regionais começam a se tornar visíveis e a discussão começa a acontecer considerando novos agentes, fatores e esferas de atuação. Dentro do que se entende como “*New Regionalism*”<sup>6</sup>, o construtivismo aparece como ferramenta viável para a observação de movimentos de formação de identidades, se apoiando no poder do discurso no desenvolvimento e na alteração da realidade humana e, conseqüentemente, do cenário e dos espaços internacionais. O construtivismo como teoria de Relações Internacionais e, no presente caso, como teoria para observação de processos de integração, apresenta inovações e abre novas portas quando se pensa no peso de fatores como ideias e crenças na relação agente-estrutura, trazendo a reflexão para um nível em que se pode visualizar um mundo não somente concreto, mas também abstrato, construído por seres-humanos e por instituições em uma relação intensa, complexa e de constante troca (CASTRO, 2012).

### 2.3 A OFICIALIZAÇÃO DA CÚPULA ASPA E SEUS OBJETIVOS INICIAIS

Como apresentado no início deste capítulo, a Cúpula ASPA foi fruto da iniciativa do governo brasileiro em um projeto voltado para a aproximação com as nações árabes e teve sua

---

<sup>5</sup> Conjunto de teorias como federalismo, intergovernamentalismo funcionalismo e neo-funcionalismo, que buscam explicar principalmente movimentos regionais no contexto europeu de integração, especialmente centrados no processo de formação da União Europeia (SÖDERBAUM, 2015).

<sup>6</sup> *New Regionalism Approach* (NRA) considera o processo de regionalização como multidimensional, no qual uma área geográfica é transformada de um espaço passivo para um espaço ativo com capacidade de articular interesses transnacionais (SÖDERBAUM, 2015).

criação oficializada no ano de 2005. Com isso, foi definido que o Ministério das Relações Exteriores do Brasil seria o coordenador regional responsável pela América do Sul, enquanto a secretaria geral da Liga Árabe ficaria encarregada de coordenar a região árabe (FERABOLLI, 2014). O primeiro encontro da Cúpula aconteceu nos dias 10 e 11 de maio do mesmo ano, em Brasília, e contou com a participação de 33 países, sendo 22 árabes e 11 sul-americanos (BRASIL, 2018)<sup>7</sup>. Além da participação de mais de 800 empresários e de representantes estatais de ambas as regiões, é importante destacar a presença do então presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, que carregou na sua figura — e na sua política externa — a busca brasileira por maior representação e pela liderança nos fóruns multilaterais, além de ser um dos fortes defensores do projeto de criação da cúpula em questão. Lula foi responsável por realizar o discurso de abertura do encontro, no qual reforçou a importância da cooperação entre as duas regiões, definindo o evento como “ousado em seus objetivos e ambicioso em suas aspirações” (AGÊNCIA SENADO, 2005). Ainda em suas palavras de abertura, o presidente frisou a importância da existência de um ambiente de integração para além da esfera comercial, ao dizer:

Não estamos reunidos apenas em busca de vantagens comerciais. [...] A Cúpula é uma forma pioneira de aproximar duas regiões, geograficamente distantes, em uma demonstração de confiança no diálogo como forma de aproximar países distantes, culturas distintas e percepções diferentes do mundo. Compartilhamos valores: a tolerância e o respeito mútuo, o culto à diversidade, a aspiração ao desenvolvimento (BRASIL, 2005).

A iniciativa da Cúpula, como ressaltada por Lula, apresentou-se como inovadora ao buscar integrar em diversos aspectos países distintos nas suas configurações e distantes nas suas regiões. Acima disso, entretanto, este mecanismo representa um fórum de compartilhamento de valores e de discursos comuns, responsáveis por reforçar a importância do esforço conjunto rumo ao desenvolvimento e ao crescimento de todas as nações envolvidas, apoiando-se no conceito de reciprocidade defendido pelo Brasil para definir a iniciativa como algo que ultrapassa as barreiras dos interesses e das necessidades

---

<sup>7</sup> Entre os representantes presentes, destacam-se importantes lideranças como: Abdelaziz Bouteflika (então presidente da Argélia e da Liga Árabe); Amre Moussa (então Secretário-geral da Liga Árabe); Mahmoud Abbas (então presidente da Autoridade Nacional Palestina); Alejandro Toledo (na época na presidência do Peru e da Comunidade Sul-Americana de Nações); Hugo Chávez (então presidente da Venezuela); Ricardo Lagos (na presidência do Chile na época); Tabaré Vasquez (então presidente do Uruguai); Leila Rachid (na época Ministra das Relações Exteriores do Paraguai, país que presidia o Mercosul até então) e Nestor Kirchner (então presidente da Argentina).

exclusivamente comerciais e que ao mesmo tempo se preocupa com as semelhanças e com a identificação advindas dos desafios compartilhados por ambas as regiões.

O protagonismo do Brasil nas discussões a respeito do projeto da Cúpula ASPA e em defesa de sua oficialização, somado ao fato de que o primeiro encontro aconteceu na capital do país, acabou gerando muitos comentários na mídia brasileira e foi objeto de análise por diversos autores de Política Externa e de Relações Internacionais. Em meio às reflexões realizadas a respeito da Cúpula e de seus objetivos iniciais, houve grande repercussão em torno dos discursos políticos apresentados naquele primeiro encontro por parte dos representantes presentes, muito em razão da ênfase dada pelo próprio Ministério das Relações Exteriores do Brasil (MRE) aos objetivos políticos da ASPA, defendendo uma postura conjunta de construção de laços e de oportunidades, ligada ao estreitamento das relações entre as duas regiões e alinhada ao objetivo econômico de incremento do comércio (MANZUR, 2005). Ainda assim, o enfoque dos meios de comunicação brasileiros não pareceu compartilhar inicialmente da visão do MRE, uma vez que as notícias destacavam, principalmente, a conotação econômica do encontro, o que acabou gerando uma certa divergência no entendimento coletivo de qual seria o teor da Cúpula (MANZUR, 2005). Apesar disso, é impossível negar o peso que o caráter político e o discurso de identificação tiveram na participação dos países envolvidos, uma vez que não se pode isolar a criação da Cúpula ASPA de um contexto internacional no qual a região árabe e a região sul-americana fazem parte de um grupo de nações que compartilha desafios e objetivos semelhantes. Afirma-se isso não apenas por compartilharem anos de migrações, de conexões culturais e de intercâmbios sociais, mas também por integrarem o conjunto de países classificados como países em via de desenvolvimento, que compartilham a busca de uma maior inserção no contexto internacional e de mais visibilidade para as questões que permeiam suas realidades.

A Declaração de Brasília, documento oficial do encontro da I Cúpula ASPA, não só reiterou o desejo dos países participantes — esboçado tanto nas falas do presidente brasileiro, quanto nas declarações dos demais chefes de Estado presentes (AGÊNCIA SENADO, 2005) — de realizar esforços em direção ao aumento do intercâmbio nos âmbitos comercial, político, cultural e de ciência e tecnologia, mas também traçou diretrizes e objetivos conjuntos que serviram de base para os avanços alcançados pela Cúpula desde a sua data de criação. Os 33 países deram início à declaração afirmando o objetivo comum de fortalecimento das relações inter-regionais e de ampliação da cooperação e da parceria em prol do desenvolvimento (AGÊNCIA BRASIL, 2005).

Na introdução do documento, os países reforçaram o desejo de elaborar uma agenda comum de desenvolvimento, mas sempre frisando o comprometimento com os princípios de soberania e de integridade territorial que regem as relações internacionais e o próprio Direito Internacional (AGÊNCIA BRASIL, 2005). Além disso, o trecho ressaltado abaixo representa a vontade conjunta e expressa de fomentar ações para construção da confiança e do diálogo entre as nações integrantes da ASPA, ressaltando a importância de tais medidas para a convivência pacífica e para o entendimento mútuo:

Sublinham a importância de medidas de construção da confiança e do entendimento mútuo para a coexistência pacífica entre as nações, reconhecendo, nesse contexto, o alcance da globalização e a importância de se preservar a identidade nacional e respeitar a diversidade cultural, bem como o papel dos intercâmbios culturais e do diálogo entre as civilizações na construção de um mundo em que prevaleçam a tolerância e a inclusão (AGÊNCIA BRASIL, 2005).

Nesse sentido, entende-se que os chefes de Estado e os representantes presentes na I Cúpula América do Sul-Países Árabes se preocupavam não somente com os avanços numéricos dos setores de exportação e de importação ou somente com as aproximações político-estratégicas que viriam dessa iniciativa, mas estavam centrados também em entender e ativamente implementar medidas que pudessem contribuir na construção da confiança entre duas regiões que desejavam se aproximar, buscando a coexistência dessas sociedades, culturas e identidades, mas entendendo também a importância de se incentivar a troca cultural e social que seria resultado de uma relação mais próxima.

É importante lembrar que, embora tenha tido grande motivação comercial e econômica, a Cúpula ASPA se propôs, desde a sua origem, a ser um ambiente de intercâmbio multisetorial e que, como veremos a seguir, teve seus avanços comprovados nos mais variados setores, com projetos envolvendo aproximações culturais, diálogos sociais e coordenação política no cenário internacional em questões como reforma de organizações internacionais, fortalecimento do multilateralismo, apoio à resolução pacífica de conflitos (FERABOLLI, 2014). Quando analisamos por essa ótica, a própria Declaração de Brasília se mostra como um indicador dos esforços da Cúpula ao mesmo tempo que serve de balizador de direcionamento, indicando como se pretendia vencer os obstáculos que as duas regiões entendiam serem comuns entre elas. Partindo de premissas mútuas de respeito e de construção de confiança entre as nações e, principalmente, reconhecendo a importância da preservação da identidade nacional e da diversidade cultural (AGÊNCIA SENADO, 2005), os países árabes e sul-americanos conseguiram, apesar das diferenças — ou quem sabe também por causa delas

— identificar o impacto positivo que uma região poderia ter sobre a outra e, além disso, os benefícios que seriam fruto da iniciativa conjunta de unificação de desafios que representava a Cúpula ASPA.

Avançando na leitura da Declaração de Brasília, é possível observar os principais grandes pontos iniciais da Cúpula, cada um deles dividido em diversas ações, propostas e planos que seriam colocados em prática conjuntamente para que os objetivos fossem alcançados. Entre todas as áreas em que a ASPA se propôs a atuar, destaca-se aqui as principais: economia, política, cultura e ciência, com esta última voltada tanto para o setor de tecnologia e inovação quanto para a produção de conhecimento científico, no qual destaca-se a produção acadêmica e o intercâmbio de informações (AGÊNCIA SENADO, 2005).

Em relação ao comércio, a expectativa do governo brasileiro era de um incremento de até 150% nas trocas comerciais do Brasil com os países árabes, fruto dos projetos planejados pela ASPA (MANZUR, 2005). Objetivos também foram traçados no âmbito de trocas bi-laterais entre os países da Cúpula, principalmente em relação à iniciativa privada, devido ao envolvimento de aproximadamente mil indústrias e empresários neste primeiro encontro (MANZUR, 2005). Entre os pontos apresentados na Declaração de Brasília, a cooperação econômica e o comércio internacional aparecem como quarto e quinto itens listados na sequência de objetivos e de idealizações do encontro. Com o propósito de “aumentar a participação das regiões árabe e sul-americana no processo de tomada de decisões econômicas em nível mundial” (AGÊNCIA BRASIL, 2005), diversos compromissos foram firmados quando se pensa no âmbito econômico-comercial da Cúpula. Partindo dos pontos acordados no documento formalizado em Brasília, destaca-se aqui o comprometimento dos países participantes em intensificar e coordenar suas posições nos encontros econômicos e comerciais voltados para interesses mútuos, procurando, especialmente, fazer com que uma agenda de desenvolvimento econômico conjunta fosse promovida nos principais espaços de negociação, com enfoque nas conferências das Nações Unidas, Além disso, em relação ao campo do comércio internacional, as nações reconheceram que:

O comércio internacional constitui meio para promover o desenvolvimento econômico, gerar oportunidades de emprego, aumentar a renda, reduzir a pobreza e melhorar as condições de vida. Reconhecem que, a despeito da expansão e do vigor dos fluxos comerciais ao longo das últimas décadas, não houve benefícios equitativos em matéria de desenvolvimento, sobretudo para as economias pequenas e vulneráveis, em razão da assimetria das regras e das distorções do comércio internacional, que aumentam o fosso entre países desenvolvidos e em desenvolvimento (AGÊNCIA BRASIL, 2005).

Nessa passagem, fica evidente a preocupação conjunta de inserir as economias sul-americanas e árabes no debate econômico e nos fluxos comerciais internacionais, reconhecendo que as duas regiões ocupam lugares similares na dinâmica de assimetrias e de distanciamento entre as grandes economias e as economias pequenas e vulneráveis. O incremento do comércio internacional e da cooperação econômica entre a região abrangida pela Cúpula ASPA configuraria, portanto, um caminho para maior desenvolvimento econômico dos países-membros, respeitando sempre os princípios da transparência, da não-discriminação e da justiça (AGÊNCIA BRASIL, 2005).

Já a respeito das expectativas relacionadas à política internacional e à coordenação de movimentos conjuntos, o governo brasileiro seguiu apostando na postura de liderança dentro das dinâmicas da ASPA, assumindo o protagonismo na elaboração de vários dos objetivos presentes na Declaração de Brasília — com foco para as medidas envolvendo o combate à fome, o desarmamento, a cooperação para o desenvolvimento. Esse fato é interessante porque declarações conjuntas, como é o caso do documento oficial do encontro da ASPA, costumam ser bem mais amplas e generalistas, ao contrário do que se observa na declaração detalhada produzida na I Cúpula (MANZUR, 2005). É possível observar quais eram as aspirações compartilhadas pelos países-membros quando se pensava política em pontos do documento que frisam a necessidade de apoio conjunto a projetos e a políticas econômico-sociais, com foco especial em questões voltadas ao desenvolvimento dos países da Cúpula. Além disso, algumas passagens também ressaltam a importância da coordenação conjunta envolvendo assuntos de políticas públicas voltadas para saúde e educação, enquanto outras passagens expressam o desejo de trabalhar no âmbito político para implementação das Metas do Milênio da ONU, mobilizando apoio e unindo estratégias para garantir a priorização dessas metas por parte dos países árabes e sul-americanos (AGÊNCIA BRASIL, 2005).

O terceiro tópico da Declaração de Brasília é voltado inteiramente para a discussão a respeito da cultura e dos esforços para incentivar a cooperação nessa área. O primeiro subtópico dentro desse tema conversa em diversos aspectos com a discussão levantada até aqui a respeito da ampliação do conceito de integração regional para além dos aspectos econômicos e comerciais, ao defender que os países presentes no I encontro da ASPA:

Enfatizam a importância da interação cultural entre os povos para o enriquecimento da Civilização e reconhecem que a Cúpula América do Sul–Países Árabes constitui uma oportunidade para fortalecer o entendimento mútuo entre os povos de ambas regiões e suas culturas. Nesse sentido, expressam sua apreciação pelo papel positivo exercido pelos cidadãos sul-americanos de ascendência árabe na promoção das relações bi-regionais (AGÊNCIA BRASIL, 2005).

É possível compreender, mais uma vez, que os países presentes no encontro que oficializou o projeto de integração e de aproximação que foi a Cúpula ASPA tinham suas preocupações voltadas também para a identificação cultural e social com os demais países ali presentes e que, por este motivo, enfatizavam a importância da iniciativa para o fortalecimento das relações e do entendimento mútuo entre suas sociedades, separando, inclusive, uma seção do documento oficial do encontro para tratar especificamente de questões envolvendo intercâmbio e cooperação cultural.

A cultura foi definida na Declaração de Brasília como “ponte de integração entre os povos e como atividade econômica que impulsiona o desenvolvimento e a cooperação mútua” (AGÊNCIA BRASIL, 2005). Nessa linha, os subtópicos seguintes do texto buscaram destacar a necessidade de se entender e de se preservar as identidades culturais de cada país, mas ressaltando a importância da promoção dessas culturas no espaço da ASPA, por meio de seminários, festivais, exposições artísticas, apresentações musicais e todas as possíveis formas de divulgação cultural que carregassem as tradições de seus respectivos países (AGÊNCIA BRASIL, 2005).

É ainda dentro do tópico de cooperação cultural que se consegue observar os primeiros pontos que envolvem o que foi classificado no presente trabalho como “integração acadêmica”. Tal classificação se dá porque em diversas passagens do documento formalizado em Brasília é possível perceber grande destaque para pontos relacionados à produção acadêmica, inovação científica e cooperação educacional. Todos esses pontos são apresentados sob o guarda-chuva de um grande objetivo comum, identificado ao longo da leitura do documento: fomentar a produção científica e o intercâmbio de conhecimento acadêmico entre os países da ASPA. É dentro desse objetivo que se analisam os esforços no âmbito acadêmico realizados pela Cúpula ao longo dos anos e que serão detalhados nas seções seguintes. Em relação às propostas iniciais que surgiram no I encontro da ASPA, destaca-se o projeto de criação da Biblioteca Árabe-Sul-Americana, que foi colocado em prática posteriormente em Argel, na Argélia (CONFERÊNCIA DE ARGEL, 2005). Além desse projeto, também foi idealizada a construção da Biblioteca Centro de Pesquisa da América do Sul, Países Árabes e África (BibliASPA), em São Paulo, que surgiu com o objetivo de promover a pesquisa, a produção e a difusão de conhecimento sobre os povos árabes, africanos e sul-americanos (BIBLIASPA, 2022b). O surgimento e o desenvolvimento de tais iniciativas serão abordados mais a fundo no próximo capítulo deste trabalho, voltado especificamente para entender os avanços e os desafios da frente de integração acadêmica. Ainda assim, é pertinente ressaltar na seção atual que o planejamento dessa iniciativa estava

presente desde o primeiro encontro de ASPA, muito ligado ao desejo de promover ações acadêmicas e sociais conjuntas com o intuito de proporcionar um desenvolvimento mútuo (AGÊNCIA BRASIL, 2005; BIBLIASPA, 2022b).

Ainda no âmbito acadêmico, é importante frisar outro ponto que apareceu oficializado na Declaração de Brasília como objetivo conjunto da Cúpula: proporcionar a cooperação acadêmica por meio de intercâmbios de professores e de alunos e de concessão de bolsas de estudo, procurando fomentar trocas acadêmicas sobre assuntos de interesse comum e sobre o estudo e o ensino das línguas dos países-membros (AGÊNCIA BRASIL, 2005). Seguindo na leitura do documento, outra passagem, presente no ponto relacionado a cooperação científica, retoma a importância de ações coordenadas no campo acadêmico, ressaltando a necessidade de mobilizar universidades e centro de pesquisas para atuação em temas de afinidade e de interesse compartilhados:

Enfatizam a necessidade urgente de se coordenarem programas de cooperação entre as principais universidades e centros de pesquisa nas duas regiões e de promover o intercâmbio de peritos, pesquisadores e professores universitários (AGÊNCIA BRASIL, 2005).

Considerando o panorama geral apresentado no início deste capítulo a respeito do estabelecimento da Cúpula América do Sul-Países Árabes como um projeto de integração regional, o propósito desta seção foi apresentar brevemente os seus objetivos iniciais, bem como definir quais serão os aspectos analisados nas seções seguintes. Com o propósito de entender mais a fundo quais eram as metas e os tópicos prioritários, buscou-se apoio na Declaração de Brasília para embasar a discussão a respeito do ponto de partida da ASPA, para que se pudesse seguir a conversa passando por cada um dos encontros seguintes e analisando os seus documentos oficiais. Isso possibilitou que se traçasse um panorama dos avanços em cada uma das áreas até aqui citadas — economia, política, cultura e academia — destacando dados e aprofundando a análise de pontos-chave para o entendimento das aspirações e dos desafios que moviam as regiões sul-americana e árabe em direção a um planejamento conjunto, além de buscar entender um pouco mais do que a ASPA significou ao longo dos anos.

## 2.4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Em uma breve análise de sua criação e de seu desenvolvimento inicial, é possível entender que a ASPA se propôs a desempenhar um papel significativo em diversos aspectos do estreitamento dos laços entre o Mundo Árabe e a América do Sul, especialmente nas áreas anteriormente ressaltadas: econômica, política, cultural e acadêmica. Além disso, a retomada do histórico das relações árabe-brasileiras contribui para o melhor entendimento do porquê do surgimento deste mecanismo de aproximação, ao mesmo tempo que ajuda na percepção de que já existiam relações significativas entre as duas regiões, marcadas, sim, por diferenças culturais, econômicas e políticas, mas repletas também de semelhanças na identificação e na construção de suas populações.

Nesse sentido, a ligação com a teoria construtivista e com seus pressupostos conversa com a ideia proposta na presente monografia de enxergar a iniciativa da ASPA para além de um processo exclusivamente econômico e comercial. Apesar de buscar grande apoio em questões econômicas, como será visto a seguir, o movimento de entender essa iniciativa sob a ótica construtivista permite ampliar os horizontes para questões de cunho cultural e identitário que não seriam possíveis dentro de outras teorias. É dessa forma que é possível trazer para a conversa a iniciativa da ASPA e, além disso, fazer a discussão se expandir para as esferas cultural e acadêmica.

Ainda assim, não se busca defender a ideia de que a ASPA foi 100% bem sucedida em suas pretensões nas áreas exploradas, apenas refletir sobre como a iniciativa chegou a colher alguns frutos das ações vislumbradas pelos Estados em seus encontros, o que será discutido mais detalhadamente no capítulo a seguir. No que diz respeito às relações acadêmicas propostas no projeto inicial da ASPA e reiteradas em todas as declarações das quatro reuniões que aconteceram nos anos seguintes, será possível tratar de forma mais pormenorizada sobre os avanços e também sobre os desafios que o projeto enfrentou.

### **3 AS ÁREAS DE INTEGRAÇÃO E OS IMPACTOS DA CÚPULA NAS RELAÇÕES ÁRABE-BRASILEIRAS**

Este capítulo tem como objetivo dar continuidade à discussão a respeito das aspirações da Cúpula ASPA desde 2005, voltando-se, mais especificamente, ao desenvolvimento dos objetivos traçados inicialmente e renovados ao longo dos anos com o intuito de promover maior aproximação entre as duas regiões. Com ponto de partida nas esferas econômica, política e cultural, este trecho busca incrementar o panorama construído no capítulo anterior, apoiando-se no fato de que a ASPA, desde o primeiro momento, se colocou como um fórum de cooperação multissetorial. Nesse sentido, procura-se dar início à análise dos impactos da Cúpula nas relações árabes-brasileiras nos setores mais tradicionais de aproximação e cooperação entre nações: economia e política. Observa-se, na sequência, dados referentes ao envolvimento dos países-membros em questões culturais, com ênfase em atividades promovidas com o objetivo de fomentar o diálogo e a aproximação entre as tradições das nações participantes da ASPA, tanto em território brasileiro quanto em território árabe.

Como a Cúpula, tanto em seus discursos quanto em suas declarações, defendeu sua posição como mecanismo de aproximação pioneiro, com metas que não se restringiam ao âmbito político-econômico, conclui-se o capítulo com a apresentação de dados a respeito da atuação da ASPA nos aspectos acadêmicos/científicos. Este é o ponto focal da análise, que busca despertar a discussão em volta da pergunta de pesquisa anteriormente apresentada.

#### **3.1 INTEGRAÇÃO ECONÔMICA, POLÍTICA E CULTURAL**

Quando se pensa nas grandes áreas em que a Cúpula ASPA se propôs a atuar, é inevitável que se considere os pontos econômicos e políticos, por serem aspectos fundamentais quando o assunto é cooperação e coordenação entre países, em âmbito internacional ou regional. Para fins de estudo do presente trabalho, decidiu-se avaliar os avanços em tais áreas juntamente com a observação dos esforços das duas regiões no setor cultural, uma vez que o principal objetivo é utilizar os dados nessas esferas para traçar um panorama comparativo com o principal foco de presente discussão: o impacto das iniciativas da Cúpula na aproximação acadêmica do Mundo Árabe com Brasil. O ponto de partida para tal análise é, como enfatizado anteriormente, o documento oficial do primeiro encontro da ASPA: a Declaração de Brasília. Apesar de já apresentado um panorama inicial na seção anterior, com o objetivo de evidenciar as prioridades e as ambições que nortearam o início do

movimento da Cúpula, considerou-se importante que houvesse maior aprofundamento nos tópicos envolvendo as grandes áreas que este trabalho procura explorar, sendo elas a base da discussão desta seção e do próximo capítulo.

No que diz respeito ao âmbito **econômico**, além dos pontos salientados anteriormente como objetivos iniciais do projeto de fomentar a troca comercial e os laços econômicos entre as nações árabes e sul-americanas, os os países presentes no encontro realizado em Brasília definiram outras metas comuns no documento que oficializou o início da ASPA. Dentre elas, destaca-se o movimento proposto para que os Estados da Cúpula que na época não fizessem parte da Organização Mundial do Comércio (OMC) tivessem a sua adesão apoiada pelos demais países membros (AGÊNCIA BRASIL, 2005). Até o ano de 2005, dos 34 países integrantes da Cúpula ASPA, 23 já faziam parte do quadro de membros da OMC e, após a oficialização do projeto e a definição desse objetivo conjunto, das 11 nações que ainda não faziam parte da organização, apenas 2 tiveram seus processos de adesão concluídos, segundo os dados mais recentes da OMC: Arábia Saudita, em dezembro de 2005 e Iêmen em 2014 (WORLD TRADE ORGANIZATION, 2022). Ainda em relação a esse tópico, é importante pontuar que, embora 11 nações da ASPA ainda não façam parte da OMC como país-membro, 9 desses Estados constam como governos observadores nos registros oficiais, o que significa que eles tem 5 anos para dar início às negociações de entrada ao quadro oficial de membros da organização (WORLD TRADE ORGANIZATION, 2022).

Seguindo na esfera econômica, é relevante ressaltar também alguns pontos do discurso de abertura de Lula no II encontro da ASPA, realizado no dia 31 de março de 2009, em Doha. Em sua fala, o então presidente do Brasil enfatizou o compromisso estabelecido entre as duas regiões em 2005, ainda no I encontro oficial da Cúpula. Ele trouxe também a reflexão a respeito das possibilidades existentes na aproximação comercial entre a região árabe e sul-americana em um contexto econômico que, segundo ele na época, passava por uma internacionalização cada vez maior (BRASIL, 2009b), frisando os avanços realizados nas trocas bilaterais entre as duas regiões desde a construção da Declaração de Brasília, em 2005:

O crescimento acelerado do intercâmbio birregional confirmou o que já sabíamos: o enorme potencial do comércio Sul-Sul. Entre a América do Sul e os países árabes, as trocas saltaram de US\$ 11 bilhões em 2004, para US\$ 30 bilhões no ano passado, um aumento de 170% em somente quatro anos (BRASIL, 2009b).

O incremento das trocas comerciais apontado por Lula em Doha voltou a ser abordado no III encontro da ASPA, que aconteceu em Lima, em outubro de 2012. Na ocasião, o

Ministério das Relações Exteriores divulgou uma nota informativa destacando novamente os avanços no comércio entre as duas regiões entre os anos de 2005 e 2011:

América do Sul e Países Árabes apresentam PIB agregado de US\$ 5,4 trilhões e população total estimada em 750 milhões de habitantes. Entre 2005 e 2011, o intercâmbio comercial entre as duas regiões cresceu 101,7%, passando de US\$ 13,6 bilhões para US\$ 27,4 bilhões. Nesse período, o crescimento do comércio total entre o Brasil e os Países Árabes foi de 138,9%, evoluindo de US\$ 10,5 bilhões para US\$ 25,1 bilhões (BRASIL, 2012a).

Dessa forma, percebe-se que a temática comercial e econômica continuou se mostrando bastante presente, não somente na I Cúpula ASPA em 2005, mas também em todos os outros encontros que se seguiram. Mesmo com a mudança na presidência da república, que passou em 2011 para as mãos de Dilma Rousseff, a Cúpula continuou defendendo sua posição como iniciativa pioneira de um mecanismo inovador de negociações comerciais e de busca pelo desenvolvimento econômico e cooperação multilateral entre a América do Sul e a região árabe (BRASIL, 2012a).

Na IV Cúpula América do Sul-Países Árabes, que ocorreu na Arábia Saudita, em novembro de 2015, os países integrantes do encontro utilizaram a Declaração de Riade para reforçar as intenções de incremento do comércio, bem como para celebrar os esforços realizados até então no âmbito econômico. Além disso, salientou-se novamente a existência de mais oportunidades ainda inexploradas pela duas regiões no campo de comércio e do investimento, ao reconhecer que houve:

[...] crescimento significativo do comércio e do investimento globais entre as duas regiões, desde a realização da Primeira, da Segunda e da Terceira Cúpulas ASPA, destacando que ainda existem possibilidades inexploradas que permitiriam maiores crescimento e diversificação do comércio e do investimento birregionais (CÚPULA DE CHEFES DE ESTADO E DE GOVERNO, 2015, n.p).

Seguindo nessa linha, fez-se também um levantamento com dados coletados do *Observatory of Economic Complexity* (OEC)<sup>8</sup>, no qual foi analisado o histórico das trocas comerciais entre o Brasil e os países Árabes de 1995 a 2017<sup>9</sup>. No levantamento, foi feita uma comparação em cada ano com o total das trocas comerciais nos continentes africano e asiático, a fim de entender se houve crescimento na distribuição das exportações e

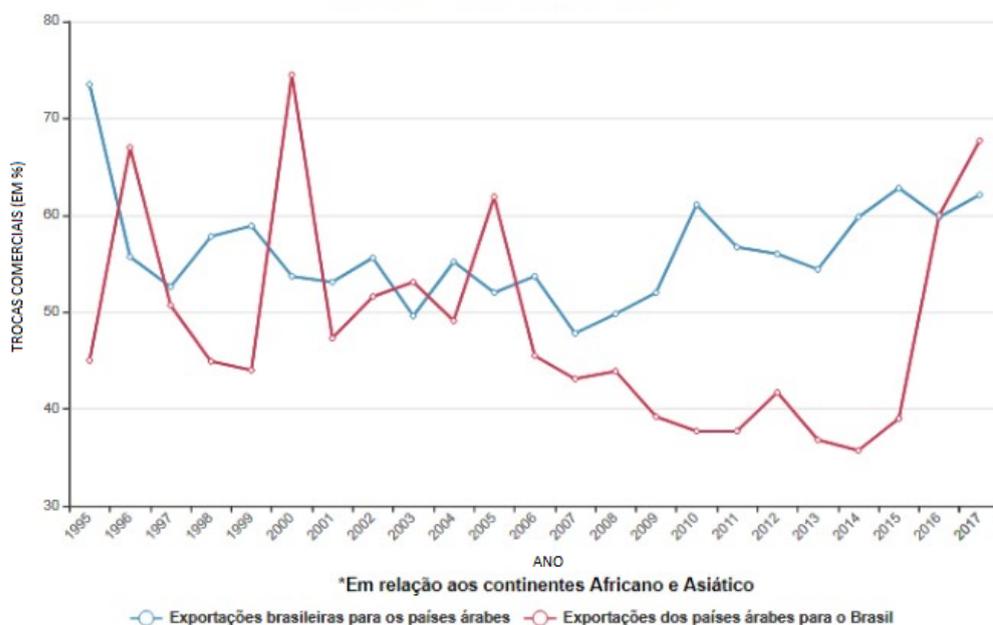
---

<sup>8</sup> OEC é um observatório online para visualização de dados com foco na geografia e nas dinâmicas das atividades econômicas internacionais. A ferramenta foi originalmente desenvolvida como um projeto de pesquisa do Instituto de Tecnologia de Massachusetts e atualmente integra e distribui dados de diversas fontes para utilização dos setores público e privado e para pesquisas acadêmicas (SIMÕES; HIDALGO, 2011).

<sup>9</sup> Anos com dados disponíveis para consulta, na época da pesquisa.

importações de origem árabe em comparação ao total comercializado com os dois continentes em geral. Assim, obteve-se a porcentagem de trocas de cada ano e foi possível traçar um gráfico que representasse as dinâmicas comerciais antes e após a criação da Cúpula ASPA, em 2005.

Gráfico 1 — Trocas comerciais Brasil- países árabes



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Em relação às exportações dos países árabes para o Brasil ao longo dos anos analisados, é possível observar no gráfico que há dois momentos anteriores à 2005 em que as exportações árabes ultrapassam 60% do total exportado do continente africano e do continente asiático para o Brasil: o primeiro em 1996 e o segundo em 2000. O mesmo acontece do ano de criação de ASPA em diante: em 2005 e em 2017 as exportações árabes para o Brasil representaram mais de 60% de todo o volume exportado pelos continentes asiático e africano (THE OBSERVATORY OF ECONOMIC COMPLEXITY, 2022).

Já em relação às exportações brasileiras para os países árabes, é mais perceptível o aumento de participação árabe como destino do total exportado pelo Brasil aos continentes africano e asiático. Até 2005, apenas o ano de 1995 apresentou os países árabes com uma porcentagem acima de 60% em relação ao total exportado para os dois continentes. Da criação da Cúpula em diante, entretanto, é possível observar que há cinco momentos em que a participação dos países árabes nas exportações brasileiras é igual ou superior a 60% do total

exportado para África e Ásia: 2010, 2014, 2015, 2016 e 2017 (THE OBSERVATORY OF ECONOMIC COMPLEXITY, 2022).

Dados do Instituto Europeu do Mediterrâneo, que publicou um estudo um pouco mais amplo sobre a relação da região árabe com a América Latina, também apontam pro mesmo caminho defendido em todos os encontros da ASPA desde 2005: as relações econômicas entre as duas regiões cresceram significativamente e ainda possuem espaço para desenvolvimento, principalmente no setor de importações agrícolas e de alimentos, no qual a América Latina representa atualmente o maior parceiro árabe (BLESA, 2020). Segundo esse estudo, antes do I encontro da Cúpula, em 2005, as trocas comerciais entre América Latina e a Região Árabe variavam entre 1% e 3% do comércio total das duas regiões. Em contrapartida, de 2005 pra cá, estima-se que a América Latina representa 17% da importação árabe somente no setor de alimentos. (BLESA, 2020). Em menos de 20 anos, ainda que os avanços não sejam sempre constantes, já é possível mensurar as mudanças quando o assunto é cooperação econômica, numa construção cada vez mais próxima de intercâmbios comerciais. É importante ressaltar que a ASPA dedicou atenção considerável para o incremento das trocas econômicas por meio de mecanismos de diálogo comercial e de aproximação de empresários, propondo-se a explorar a complementaridade da economia das duas regiões — enquanto o Brasil e os demais países sul-americanos são ricos em recursos naturais, os países árabes, especialmente os que integram o Conselho de Cooperação do Golfo (CCG)<sup>10</sup>, possuem capacidade e capital para investir em infraestrutura e em projetos de desenvolvimento conjunto (THE ECONOMIST INTELLIGENCE, 2012).

No contexto **político**, outro fator de grande importância quando se pensa num projeto de articulação regional e multisetorial, o ponto que se busca ressaltar é o peso conferido às articulações estratégicas personificadas nos presidentes, nos chefes de Estado e também nas figuras diplomáticas e empresariais. Uma vez que o escopo político abrange aspectos diversos e mutáveis no decorrer dos anos, considerou-se válido apresentar e discutir os objetivos de aproximar as figuras políticas das duas regiões, evidenciados em algumas falas a respeito da necessidade de criar espaços de aproximação política e estratégica. Na II Cúpula, os países afirmaram novamente o compromisso de construção de um espaço de aproximação, ao defenderem na Declaração de Doha os seguintes objetivos:

Reafirmar a necessidade de construir relações densas e dinâmicas entre as duas regiões que contribuam para estruturar relações internacionais mais justas e justas e

---

<sup>10</sup> O CCG é composto pelos países: Omã, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Qatar, Bahrein e Kuwait (THE COOPERATION COUNCIL FOR THE ARAB STATES OF THE GULF, 2022).

estabelecer um novo quadro de cooperação internacional, baseado na paridade e igualdade, permitindo que as partes se beneficiem das iniciativas acordadas, além de servir de base para a criação de um espaço comum de parceria entre as duas regiões (SUMMIT OF SOUTH AMERICAN AND ARAB HEADS OF STATE AND GOVERNMENT, 2009, p. 1, tradução nossa)<sup>11</sup>.

Em sua fala de abertura da III Cúpula ASPA, em 2012, a presidenta Dilma Rousseff ressaltou o peso dessa esfera na agenda do encontro, ao afirmar que as transformações no plano político também deveriam receber atenção especial (BRASIL, 2012b). Alinhada com esse discurso, a Declaração de Lima, documento oficial desse terceiro encontro, seguiu reiterando a necessidade de maior alinhamento e aproximação política, ao apresentar as duas seguintes passagens em suas diretrizes gerais:

1.1 Aprimorar o diálogo político e a cooperação multidimensional no âmbito da ASPA e reafirmar a importância da coordenação birregional nos fóruns internacionais e sua convicção na cooperação Sul-Sul (SUMMIT OF SOUTH AMERICAN AND ARAB HEADS OF STATE AND GOVERNMENT, 2012, n.p, tradução nossa)<sup>12</sup>.

1.4 Aplaudimos a ampliação das relações diplomáticas entre os países árabes e sul-americanos, de acordo com os objetivos e princípios estabelecidos pela ASPA, e conclamamos os países da ASPA a aprimorar ainda mais esse processo (SUMMIT OF SOUTH AMERICAN AND ARAB HEADS OF STATE AND GOVERNMENT, 2012, n.p, tradução nossa)<sup>13</sup>.

Além dos trechos destacados dos discursos e das declarações oficiais de alguns dos encontros realizados pela ASPA desde a sua criação, foi feito também um levantamento que levou em consideração os intercâmbios de representantes de Estado e de empresários dos países membros da Cúpula, num crescente fluxo ao longo dos anos que sucederam a oficialização do projeto<sup>14</sup>. Considerou-se que um indicativo válido para mensurar

---

<sup>11</sup> “Reaffirm the necessity to build dense and dynamic relations between the both regions that contribute to structure more just and fair international relations and to establish a new framework for international cooperation, based on parity and equality, allowing the parties to benefit from the agreed initiatives, as well as providing the base for creating a common space of partnership between the both regions” (SUMMIT OF SOUTH AMERICAN AND ARAB HEADS OF STATE AND GOVERNMENT, 2009, p. 1)

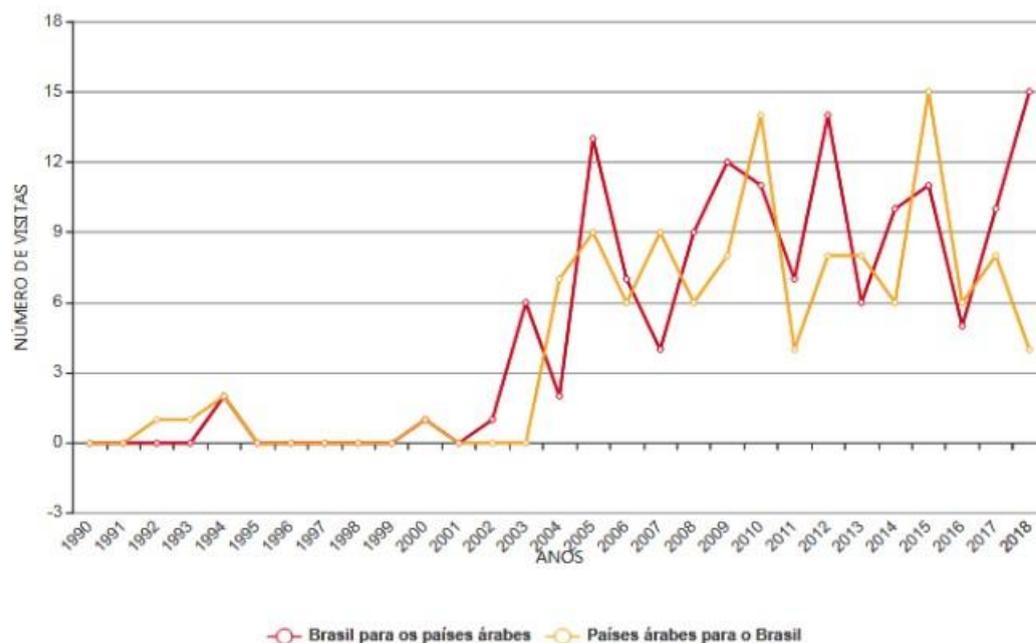
<sup>12</sup> “Enhance the political dialogue and multidimensional cooperation in the context of ASPA and reaffirm the importance of bi-regional coordination in international fora and their conviction in South-South cooperation” (SUMMIT OF SOUTH AMERICAN AND ARAB HEADS OF STATE AND GOVERNMENT, 2012, n.p).

<sup>13</sup> “Applaud the broadening of diplomatic relations between Arab and South American countries, in accordance with the objectives and principles set by ASPA, and call upon ASPA countries to further enhance this process” (SUMMIT OF SOUTH AMERICAN AND ARAB HEADS OF STATE AND GOVERNMENT, 2012, n.p).

<sup>14</sup> Para a construção do gráfico, foram coletadas informações oficiais do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, que disponibiliza uma linha do tempo dos encontros empresariais, políticos e diplomáticos de representantes do Brasil com representantes do país que se deseja consultar.

aproximações político-estratégicas seria a quantidade de encontros oficiais entre as duas regiões realizados pelos ministérios dos países participantes da ASPA no decorrer dos anos.

Gráfico 2 — Visitas empresariais e de chefes de Estado



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

É possível observar que, do ano de 2005 em diante, o número de visitas empresariais e de chefes de Estado cresceu visivelmente, tanto quando se observa as idas de representantes brasileiros aos países árabes, quanto em relação às vindas de autoridades políticas e empresariais árabes ao Brasil. Ressalta-se ainda que, até 2004, vários anos não apresentaram nenhum número de visitas tanto do lado árabe, quanto do lado brasileiro (1995, 1996, 1997, 1998 e 1999), o que se alterou depois de 2005. Além disso, o número máximo de visitas brasileiras a países árabes no mesmo ano foi de 6 (2003) e o maior número de visitas árabes ao Brasil foi 7 (2004). Após o estabelecimento da ASPA, em 2005, representantes brasileiros chegaram a visitar 15 vezes a região árabe no mesmo ano (2018), enquanto o Brasil alcançou o pico de 15 visitas árabes três anos antes, em 2015 (BRASIL, 2019).

Antes de seguir para a discussão final a respeito das iniciativas de integração acadêmica propostas e alcançadas pela ASPA, a análise dos objetivos e dos dados envolvendo a esfera **cultural** é o que compõe o final deste capítulo. Alguns autores salientam, inclusive, que algumas das maiores conquistas da Cúpula foram no nível cultural, uma vez que os representantes dos países membros do projeto rapidamente entenderam que a diplomacia

cultural poderia produzir grandes resultados na mobilização regional de apoio às iniciativas de cooperação propostas, ao mesmo tempo que poderiam servir também de incentivo para relações políticas e comerciais (FARAH, 2017). Além dos pontos destacados por Lula em seu discurso de abertura da I Cúpula e das passagens da Declaração de Brasília já destacadas na seção anterior, o II encontro dos países árabes e sul-americanos também seguiu enfatizando a importância da aproximação cultural entre as duas regiões. Na ocasião, Lula discursou novamente na abertura do evento, afirmando que a ASPA reconhecia o valor da cultura árabe e faria renascer uma verdadeira aliança entre civilizações (BRASIL, 2009b). Os países presentes utilizaram o documento da Declaração de Doha para registrar e comemorar os avanços realizados no âmbito cultural até então:

Notamos com satisfação os passos dados desde a Declaração de Brasília sobre cooperação cultural. A este respeito, sublinhamos a importância do Primeiro Encontro de Ministros da Cultura dos Países Sul-Americanos e Árabes, realizado em Argel, em 2006, que delineou as políticas e prioridades comuns para a cooperação cultural. E chamamos todos os Estados membros da ASPA para participar da Segunda Reunião de Ministros da Cultura, que acontecerá no Rio de Janeiro, nos dias 20-21/5/2009 (SUMMIT OF SOUTH AMERICAN AND ARAB HEADS OF STATE AND GOVERNMENT, 2009, p. 7, tradução nossa).<sup>15</sup>

O encontro mencionado na passagem acima teve sua primeira reunião no ano seguinte à criação da ASPA e continuou a ocorrer em outros anos, chegando a ter 4 edições, sendo a segunda delas realizada no Brasil, em 2009 (BRASIL, 2010). A BibliASPAs, que voltará a ser mencionada no capítulo seguinte também como mecanismo de integração acadêmica e educacional, foi — e continua sendo — um grande instrumento de estreitamento dos laços culturais entre os países árabes e sul-americanos, especialmente o Brasil. A instituição foi responsável, ao longo dos anos, por diversas iniciativas, como: organizar eventos para a promoção de costumes e tradições culturais, como o Festival Sul-Americano da Cultura Árabe (SACA), que acontece anualmente desde 2010; promover parcerias com redes de TV, com exemplo da colaboração firmada com a TV Cultura para transmissão de programas sobre cultura árabe e islâmica; promover a tradução e publicação de livros em árabe, português e espanhol por meio de sua editora própria (Edições BibliASPAs) (BIBLIASPAs, 2022a; (FARAH, 2017).

---

<sup>15</sup> “Note with satisfaction the steps taken since the Brasília Declaration regarding cultural cooperation. In this respect, underline the importance of the First Meeting of South American and Arab Ministers of Culture, held in Algiers, in 2006, which outlined the common policies and priorities for cultural cooperation. And call upon all the ASPA Member States to participate in the Second Meeting of Ministers of Culture, which will take place in Rio de Janeiro, on 20- 21/5/2009” (SUMMIT OF SOUTH AMERICAN AND ARAB HEADS OF STATE AND GOVERNMENT, 2009, p. 7).

O então Ministro da Cultura, Juca Ferreira, discursou na abertura do Festival Sul-Americano da Cultura Árabe de 2010, realizado em São Paulo pela BibliASPA e, em suas palavras reforçou o que já vinha sendo defendido nos encontros da Cúpula a respeito do forte papel da cultura na criação e no estreitamento de laços de identificação e de reconhecimento entre os países membros da iniciativa da ASPA:

Felicitó o professor Paulo Farah e toda a equipe da BibliASPA pela qualidade do trabalho e abrangência da iniciativa. Agradeço também a todas as instituições e empresas que apoiaram a realização deste Festival, tão estratégico para o nosso país. A cultura árabe é parte de nós. A cultura árabe é cultura brasileira. Viva o Dia Nacional da Comunidade Árabe (BRASIL, 2010, n.p).

Dois anos mais tarde, a III Cúpula aconteceu no Peru e voltou a endossar, nas diretrizes gerais da Declaração de Lima, a esfera cultural como ponto principal dos esforços entre os países participantes, ao reafirmar “a importância da ASPA como mecanismo de cooperação birregional e diálogo intercultural” (SUMMIT OF SOUTH AMERICAN AND ARAB HEADS OF STATE AND GOVERNMENT, 2012) e recordar “as relevantes ações desenvolvidas para aprimorar o conhecimento mútuo das culturas de ambas as regiões [...]” (SUMMIT OF SOUTH AMERICAN AND ARAB HEADS OF STATE AND GOVERNMENT, 2012). Ainda na Declaração de Lima, é reforçado o objetivo de busca por formas de promoção de trocas culturais e aumentos das atividades nessa área, na passagem que estabelece como meta:

Reconhecer que a diversidade cultural e de conhecimento tradicional está entre os pontos fortes mais necessários para preservar e respeitar as identidades regionais dentro dos processos de globalização pelos quais passam nossos povos. [...] Incentivar a realização de semanas culturais que incluam exposições de livros, seminários culturais e intelectuais, exposições de artes plásticas, livros infantis, exposições de trajes tradicionais e espetáculos teatrais e musicais (SUMMIT OF SOUTH AMERICAN AND ARAB HEADS OF STATE AND GOVERNMENT 2012, n.p, tradução nossa)<sup>16</sup>.

Para complementar a discussão a respeito das metas no âmbito da cultura estabelecidas pela Cúpula, foi feita uma análise dos eventos culturais realizados no Brasil e nos países da região árabe ao longo dos anos, com base nas notícias disponibilizadas pela

---

<sup>16</sup> “Recognize that cultural and traditional knowledge diversity is among the most required strengths to preserve and respect regional identities within the globalization processes being undergone by our peoples [...] Encourage holding cultural weeks that include book exhibitions, cultural and intellectual seminars, exhibitions of fine arts, children books, traditional costumes exhibitions and theatrical and musical shows” (SUMMIT OF SOUTH AMERICAN AND ARAB HEADS OF STATE AND GOVERNMENT 2012, n.p).

Agência de Notícias Brasil-Árabe (ANBA)<sup>17</sup>. Levou-se em consideração eventos, mostras e festivais promovidos em cooperações bilaterais entre o Brasil e os países árabes, a fim de entender se houve um crescimento no número de eventos culturais desde o estabelecimento da ASPA e dos compromissos conjuntos firmados pelos Estados membros do projeto.

Gráfico 3 — Atividades Culturais



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

É importante salientar que, ao contrário dos levantamentos anteriores, não foi possível encontrar, no *website* da ANBA, informações a respeito de realizações de eventos culturais envolvendo as duas regiões antes do ano de 2003, por mais que este tenha sido o mecanismo de consulta mais completo em relação às atividades culturais envolvendo as regiões árabe e brasileira. Ainda que o gráfico não traga informações suficientes para que seja possível traçar um panorama de antes *vs.* depois da I Cúpula ASPA, a própria falta de informações e de cobertura a respeito desses eventos antes do ano de 2003 — ano em que o Brasil propôs pela primeira vez um projeto de aproximação árabe-brasileiro — pode ser alvo de reflexões a respeito da divulgação e da importância dada pela mídia e pelos mecanismos de comunicação das próprias instituições voltadas para o fortalecimento das relações entre o Brasil e a região árabe, como é o caso da ANBA. É claro que isso não significa que tais eventos não ocorreram

<sup>17</sup>A ANBA é o site oficial de notícias da Câmara de Comércio Árabe Brasileira, que tem como principal objetivo promover a comunicação entre brasileiros e árabes através de notícias, artigos, cobertura de eventos e divulgação de informações (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS BRASIL- ÁRABE, 2021).

antes do ano de 2003, mas certamente levanta alguns questionamentos a respeito da dificuldade de encontrar informações sobre eles.

Ainda assim é possível enxergar o papel da ASPA e, especialmente nesse caso, da BibliASPA, nos eventos culturais representados no gráfico, uma vez que, desde 2005, todos os anos seguintes registraram pelo menos um evento brasileiro realizado em países árabes e, com exceção de 2006, todos os outros anos registraram também pelo menos um evento de países árabes no Brasil. Além disso, o anteriormente citado Festival Sul-Americano de Cultura Árabe, realizado pela BibliASPA, também é um dos responsáveis por garantir que o gráfico não apresente nenhum ano sem atividades culturais árabes no Brasil desde de 2010, ano do primeiro festival, que contou com edições em todos os anos seguintes (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS BRASIL- ÁRABE, 2022).

Busca-se elencar as conquistas alcançadas em três das quatro grandes áreas de atuação do mecanismo de aproximação que a Cúpula representou, para que as dinâmicas desse projeto sejam observadas e compreendidas em suas variadas áreas e, principalmente, para que se possa entender qual foi o desempenho dos países membros em seus esforços de aproximação nos níveis mais tradicionais de cooperação regional. O apanhado de dados e de informações a respeito dos objetivos econômicos, políticos e culturais apresentados nas declarações e defendidos nos discursos dos encontros da Cúpula América do Sul-Países Árabes serve, neste capítulo, de base para a reflexão proposta sobre o assunto abordado em seguida: a integração acadêmica desenhada no projeto da ASPA.

### 3.2 INTEGRAÇÃO ACADÊMICA? AVANÇOS E DESAFIOS DO PROJETO

A ASPA pode ser considerada um dos primeiros projetos com uma perspectiva de solidariedade e de cooperação Sul-Sul a propor esforços de integração e de aproximação cultural e acadêmico/educacional (FARAH, 2017). Por este motivo, considera-se de extrema relevância entender não somente as motivações que levaram os Estados membros da ASPA a adotarem um compromisso de cooperação acadêmico — o que já foi trabalhado nas páginas iniciais deste texto — mas também acompanhar as propostas da Cúpula sobre esse assunto em seus diversos encontros e entender o impacto desses objetivos nos atores mais ativos na produção científica e acadêmica: as universidades e os seus centros e grupos de pesquisa e produção de conhecimento.

Em seu discurso de abertura da I Cúpula ASPA, o presidente Lula trouxe em suas palavras o que seria traduzido posteriormente também no documento oficial do encontro, ao

afirmar que os países presentes não estavam reunidos “apenas em busca de vantagens econômicas e comerciais” (BRASIL, 2005, p. 3). Ainda assim, embora todas as declarações das reuniões da ASPA apresentem tópicos voltados especificamente para atividades de desenvolvimento de cooperação científica e acadêmica, é importante ressaltar que os pronunciamentos oficiais de abertura dos encontros não tocam diretamente nesse aspecto, não tendo sido encontrada nenhuma menção à aproximação acadêmica e/ou educacional nas falas dos presidentes Lula e Dilma, nas Cúpulas em que se pronunciaram.

Por este motivo, serão utilizadas as informações registradas nos documentos oficiais das sessões da ASPA, começando pela Declaração de Brasília, formulada durante a primeira conferência do projeto, ainda em 2005. Como alguns pontos do documento já foram apresentados no capítulo anterior, a fim de elucidar as metas e os objetivos iniciais dessa iniciativa, o comentário a respeito da primeira declaração será mais breve, voltado principalmente para as primeiras menções à esfera acadêmica/científica e aos objetivos que foram traçados dentro dessa área de atuação.

Um trecho específico da Declaração de Brasília foi dedicado a apresentar os objetivos iniciais relacionados à área de cooperação acadêmica, intitulado de “Cooperação em Ciência e Tecnologia” (AGÊNCIA BRASIL, 2005). Além de trazer pontos relacionados ao papel da cooperação Sul-Sul na captação e na qualificação de pessoal nos países árabes e sul-americanos por meio de programas de desenvolvimento tecnológico, é neste trecho que se encontra a principal passagem a respeito do planejamento envolvendo pesquisas acadêmicas e o setor universitário das duas regiões:

Expressam seu objetivo comum de aumentar a cooperação em matéria científica e tecnológica entre as duas regiões, levando em conta o conhecimento e a experiência nelas acumulados, as complementaridades existentes e o potencial de inovação. Enfatizam a necessidade urgente de se coordenarem programas de cooperação entre as principais universidades e centros de pesquisa nas duas regiões e de promover o intercâmbio de peritos, pesquisadores e professores universitários (AGÊNCIA BRASIL, 2005).

Além do objetivo acima, apresentado como parte das metas de cooperação científica, outra passagem do documento enfatiza os intercâmbios e a concessão de bolsas de estudo como esforços que seriam empregados para maior intercâmbio acadêmico e educacional:

Decidem promover a cooperação educacional e acadêmica, mediante a concessão de bolsas de estudo e o intercâmbio de visita de professores universitários, especialmente no campo do ensino da língua, bem como outras atividades, tais como a organização de conferências e seminários sobre assuntos de interesse mútuo (AGÊNCIA BRASIL, 2005).

Por fim, a última menção a esforços voltados para trocas educacionais e acadêmicas no primeiro documento formulado pela ASPA diz respeito ao desenvolvimento de um projeto voltado para produção de conhecimento nas línguas oficiais dos países participantes da Cúpula — árabe, português e espanhol. É importante não confundir, neste momento, a Biblioteca Árabe-Sul Americana citada abaixo, posteriormente criada na Argélia, com a Biblioteca Centro de Pesquisa da América do Sul, Países Árabes e África (BibliASPA), também foi idealizada nos encontros da ASPA, mas situada no Brasil (CONFERÊNCIA DE ARGEL, 2005; BIBLIASPA, 2022a):

[...] Decidem realizar uma reunião bi-regional de peritos, para selecionar obras da língua árabe e das línguas oficiais dos países sul-americanos que serão traduzidas reciprocamente, com o propósito de estabelecer uma Biblioteca Árabe-Sul-Americana (AGÊNCIA BRASIL, 2005).

Feita a retomada geral dos pontos da Declaração de Brasília e de quais eram os horizontes enxergados pelas lideranças árabes e sul-americanas quando o assunto era integração acadêmica, é possível continuar a análise passando pelos encontros seguintes da Cúpula ASPA, observando os objetivos que se mantiveram e os novos que foram sendo adicionados, com atenção especial àqueles que foram alcançados com o passar dos anos. Pode-se, com isso, refletir sobre os impactos da Cúpula nas relações acadêmicas estabelecidas entre o Brasil e a região árabe. Ainda que vários projetos tenham sido planejados — e alguns colocados em prática — no âmbito da ASPA, outros foram desenvolvidos em ações conjuntas em outros escopos, mas também fomentadas pela tentativa de aproximação que o mecanismo promoveu.

### 3.3 O QUE SE PRETENDIA VS. O QUE SE REALIZOU — UMA ANÁLISE DOS AVANÇOS CONQUISTADOS E DAS DIFICULDADES ENFRENTADAS

A criação da Biblioteca Árabe Sul-Americana foi apresentada como projeto pela primeira vez na Declaração de Brasília, na passagem destacada anteriormente. Os esforços para a concretização dessa iniciativa começaram a surgir ainda no ano de 2005, na Conferência de Argel, realizada em novembro (CONFERÊNCIA DE ARGEL, 2005). Seis meses depois do primeiro encontro oficial da Cúpula ASPA, uma de suas propostas de atuação a nível acadêmico já começava a ser colocada em prática, com grande protagonismo da Argélia nessa ocasião.

Um documento oficial foi formulado na época, com recomendações e instruções que deveriam ser seguidas para a realização do projeto. Do 34 países membros da ASPA, 16 estavam presentes no encontro (sendo 5 sul-americanos e 11 árabes)<sup>18</sup>. Definiu-se que caberia à Argélia o papel de abrigar a sede da biblioteca, financiar a iniciativa e prestar assistência técnica para sua execução. O documento traz a importância de que fosse constituído um comitê de peritos árabes e sul-americanos, a fim de instituir uma rede de contatos e de consultas a respeito do andamento da iniciativa. Além disso, se traçava também um plano para que houvesse um diálogo com as bibliotecas e as universidades dos países das duas regiões, buscando estabelecer apoio e cooperação por parte de instituições já consolidadas (CONFERÊNCIA DE ARGEL, 2005).

Entre a Cúpula de Brasília (2005) e a de Doha (2009), o projeto da Biblioteca Árabe Sul-Americana era considerado uma das realizações práticas da ASPA desde a sua criação e era celebrado juntamente com o aumento do comércio e o estabelecimento de novas câmaras de negociação, a criação de novas conexões aéreas entre os Estados das duas regiões, o desenvolvimento de cooperação técnica e política (NOTARI, 2017). Em 2009, inclusive, o governo argelino escolheu o arquiteto Oscar Niemeyer para projetar a biblioteca e o seu projeto foi apresentado na II Reunião de Ministros da Cultura, realizada no Rio de Janeiro. A Ministra da Cultura da época afirmou que a iniciativa sairia do papel ainda no ano de 2009, no mês de dezembro, com previsão de finalização em dois anos (DANIEL, 2009).

O projeto também voltou a ser enfatizado na Declaração de Doha, ao final do II encontro da ASPA. Na ocasião, os Estados presentes afirmaram estar satisfeitos com os avanços alcançados até então e com os primeiros resultados da cooperação entre as duas regiões, destacando:

O desenvolvimento no estabelecimento da Biblioteca Árabe-Sul Americana na Argélia. Expressamos também nossa profunda satisfação pelo grande cuidado concedido pela Argélia para este projeto, ao qual atribuiu 3 hectares de terra para sua construção. Apoiamos também, a este respeito, a sugestão acertada da reunião de especialistas realizada em Doha no período de 20 a 23/10/2008, especialmente no que diz respeito às contribuições dos Estados Membros da ASPA para impulsionar esta importante conquista cultural; assim como a criação do site [www.bibliaspa.com.br](http://www.bibliaspa.com.br), pela BibliASPA Brasil, que já oferece conteúdo literário e audiovisual sobre as duas regiões culturais (SUMMIT OF SOUTH AMERICAN AND ARAB HEADS OF STATE AND GOVERNMENT, 2009, p. 7, tradução nossa)<sup>19</sup>.

<sup>18</sup> Estavam presentes na conferência: Peru, Venezuela, Argentina, Brasil, Chile, Argélia, Síria, Tunísia, Catar, Omã, Bahrein, Egito, Líbia, Emirados Árabes Unidos, Iêmen e Arábia Saudita.

<sup>19</sup> "The development in the establishment of the ASPA Library in Algeria. Also express our deep satisfaction for the great care given by Algeria for this project, to which it assigned 3 hectares of land for its building. Also support, in this respect, the right suggestion of the experts meeting held in Doha in the period of 20-23/10/2008,

Em 2012, entretanto, o empreendimento ainda não havia saído do papel e continuava a ser aguardado. Uma nova previsão foi divulgada pelo responsável argelino por projetos culturais, Abdelhalim Serrai, que deu um prazo de 30 meses para finalização da obra (ALMEIDA, 2012). A última informação encontrada durante a escrita deste trabalho mostra que, na verdade, o projeto acabou sendo prolongado ao longo dos anos e nunca teve sua construção sequer iniciada. Com base nas informações disponibilizadas em 2018 pela empresa Consulplano, do Grupo PCG Profabril Consulplano, parceira da Agência Argelina de Gestão de Grandes Projetos Culturais na execução das obras, a iniciativa sofreu várias alterações até chegar a avaliação final por parte das entidades estatais responsáveis e, já nesta etapa, também enfrentou revisões de estruturas e reavaliações (BATISTA, 2018). O que parecia ser um projeto promissor em 2005, acabou se tornando uma iniciativa constantemente adiada e até hoje não concretizada.

A outra proposta, citada na passagem acima da Declaração de Doha, diz respeito à criação de um website para a BibliASPA, outro esforço conjunto idealizado nos encontros da Cúpula. Ao contrário do que acabou ocorrendo com a biblioteca que seria sediada na Argélia, a BibliASPA teve vários de seus projetos concretizados e inaugurou sua sede na cidade de São Paulo, no Brasil, ainda em 2003 — ano em que o Brasil começou a depreender esforços para a criação da Cúpula América do Sul-Países Árabes (BIBLIASPA, 2022a).

Unindo pesquisadores de mais de 40 países, o principal objetivo da BibliASPA é promover a produção de conhecimento crítico, por meio de reflexão, da pesquisa e da difusão dos estudos sobre os povos árabes e sul-americanos. Dessa forma, o centro possui acervos bibliográficos especializados em temas relacionados à duas regiões, servindo como base para pesquisas e produções científicas em diversas áreas do conhecimento. O material disponibilizado pela BibliASPA serve para consulta de estudantes de graduação, pós-graduação, professores e diplomatas, ao mesmo tempo que também conta com a contribuição dos trabalhos submetidos por eles (BIBLIASPA, 2022a). A própria instituição define a sua missão como:

Estreitar relações culturais, educativas, sociais e econômicas consistentes e duradouras entre países sul-americanos, árabes e africanos por meio da produção e

---

especially concerning the contributions of the ASPA Member States to push forward this important cultural achievement; as well as the creation of the website [www.bibliaspa.com.br](http://www.bibliaspa.com.br), by the BibliASPA Brazil, that already offers literary and audiovisual content about both regions' cultures" (SUMMIT OF SOUTH AMERICAN AND ARAB HEADS OF STATE AND GOVERNMENT, 2009, p. 7).

difusão de saberes e do intercâmbio cultural; ainda, acolher e prover formação de refugiados e imigrantes (BIBLIASPA, 2022a, n.p).

Na época da formulação do documento de Doha, a BibliASPA já desempenhava um grande papel na produção e divulgação de conteúdo a respeito das regiões árabe e sul-americana e, a partir de 2009, começou a ganhar mais relevância nas metas traçadas pelos encontros da ASPA. Outra passagem do mesmo documento reconheceu também a importância da BibliASPA na publicação de seu primeiro livro, disponibilizado em português, árabe e espanhol:

A publicação, pela BibliASPA Brasil, com o apoio das Bibliotecas Nacionais da Argélia, Brasil e Venezuela, do livro “O deleite do estrangeiro em tudo que é surpreendente e maravilhoso: um estudo analítico sobre a jornada do Imam Al-Baghdadi”, pelo professor Paulo Daniel Farah, escrito em árabe e outras línguas e publicado com suas traduções em português e espanhol; outros títulos serão adicionados à lista de obras birregionais relevantes a serem traduzidos e publicados (SUMMIT OF SOUTH AMERICAN AND ARAB HEADS OF STATE AND GOVERNMENT, 2009, p. 8, tradução nossa)<sup>20</sup>.

Ainda no tópico da BibliASPA, é possível citar outros encontros da Cúpula que trouxeram esse tema para discussão e registraram os avanços da instituição no nível acadêmico. Seguindo para o encontro realizado no Peru, em 2012, é possível observar no documento outros momentos de reconhecimento da BibliASPA e das atividades por ela realizadas, com destaque para a continuidade no projeto de edição de livros iniciado em 2009, responsável pela edição e pela tradução de diversos livros em árabe, português e espanhol e para a publicação da Revista Fikr — publicação da BibliASPA voltada para temas relacionados ao Mundo Árabe e à América do Sul, nas áreas de ciências humanas e sociais, literatura e linguística, história, antropologia, geografia e filosofia (BIBLIASPA, 2022c) (SUMMIT OF SOUTH AMERICAN AND ARAB HEADS OF STATE AND GOVERNMENT, 2012). Além disso, a atuação da BibliASPA como núcleo de pesquisa e de produção de conhecimento também foi reconhecida na seguinte passagem da Declaração de Lima:

Parabenizar a Biblioteca Centro de Pesquisa América do Sul–Países Árabes, (BibliASPA) pelo importante trabalho que tem desenvolvido na promoção da

<sup>20</sup> “The publishing, by BibliASPA Brazil, with the support of the National Libraries of Algeria, Brazil and Venezuela, of the book The foreigner’s delight in everything that is astounding and marvellous: an analytical study on the journey of Imam Al-Baghdadi, by Professor Paulo Daniel Farah, written in Arabic and other languages and published with its translations into Portuguese and Spanish; other titles will be added to the list of relevant bi-regional works to be translated and published” (SUMMIT OF SOUTH AMERICAN AND ARAB HEADS OF STATE AND GOVERNMENT, 2009, p. 8).

produção cultural e acadêmica de ambas as regiões, exortando os Estados-membros da ASPA a enviar publicações, exposições e professores para a BibliASPA (SUMMIT OF SOUTH AMERICAN AND ARAB HEADS OF STATE AND GOVERNMENT, 2012, n.p, tradução nossa)<sup>21</sup>.

Dessa forma, a BibliASPA se mostrou muito mais atuante do que o projeto citado anteriormente, conseguindo desenvolver atividades não somente na esfera cultural, mas servindo também como ferramenta de produção de conhecimento, compartilhamento de trabalhos acadêmicos e, principalmente, como fonte de pesquisa e de fomento para produções de cunho intelectual e científico nos mais variados assuntos que envolviam e ainda envolvem as nações árabes e sul-americanas que idealizaram a sua criação. Importante ressaltar que a BibliASPA é um mecanismo que continua ativo até os dias atuais, promovendo eventos, atividades e cursos, além de possuir um amplo acervo *on-line* de livros e de artigos, muitos deles utilizados, inclusive, para a produção da presente monografia.

Ainda que se entenda o papel fundamental desempenhado pela BibliASPA na construção dessa ponte acadêmica e cultural entre o Brasil e o Mundo Árabe, é preciso entender as iniciativas da ASPA que não ficaram restritas somente a esse núcleo do projeto. Ainda na Declaração de Lima, os objetivos voltados ao fomento do intercâmbio de pesquisadores, professores e estudantes foram defendidos ao longo do texto como iniciativas de grande valor, com o intuito de promover o respeito à diversidade cultural e o pensamento crítico (SUMMIT OF SOUTH AMERICAN AND ARAB HEADS OF STATE AND GOVERNMENT, 2012). Quando se pensa na produção de conhecimento nacional, principalmente no caso do Brasil, se pensa também no papel das universidades públicas e dos institutos de pesquisa como grandes participantes da pesquisa científica e das investigações acadêmicas realizadas nos mais variados setores da sociedade. Por este motivo, é inevitável que se traga para a discussão o impacto que as políticas de cooperação propostas pela ASPA no âmbito acadêmico tiveram — ou não — na aproximação entre esses setores das duas regiões, principalmente no que diz respeito à produção de conhecimento de ambas a respeito uma da outra.

Tanto a Declaração de Doha (2009) quanto a Declaração de Lima (2012), formuladas respectivamente no segundo e no terceiro encontro promovido pela ASPA, sublinham a importância da promoção de um maior intercâmbio acadêmico e educacional entre os países

---

<sup>21</sup> “Congratulate the Arab and South American Library and Research Center (BibliASPA) for the opening of its new premises in Sao Paulo and for the important work it has been developing in the promotion of the cultural and academic production of both regions, exhorting ASPA member-states to send publications, exhibitions and teachers to BibliASPA” (SUMMIT OF SOUTH AMERICAN AND ARAB HEADS OF STATE AND GOVERNMENT, 2012, n.p).

sul-americanos e árabes. O documento de 2009 traz uma passagem que tem seu foco voltado para projetos que incentivassem a mobilidade de estudantes, nos quais os países membros demonstravam a sua intenção de:

Promover o reforço da mobilidade dos estudantes de uma região para outra nos níveis de graduação e pós-graduação como meio de cooperar para o desenvolvimento econômico da outra região através da formação de recursos humanos a nível universitário (SUMMIT OF SOUTH AMERICAN AND ARAB HEADS OF STATE AND GOVERNMENT, 2009, p. 19, tradução nossa)<sup>22</sup>.

O documento final da reunião de 2012 também segue na linha da defesa de iniciativas de mobilidade acadêmica e estudantil, e ainda vai além ao adicionar objetivos mais envolvendo realização de projetos conjuntos de pesquisa, como a elaboração de seminários e workshops:

Promover o intercâmbio de investigadores e especialistas internacionais entre universidades de ambas as regiões e confiar aos responsáveis pela cultura a preparação e organização de projetos de investigação, seminários, conferências e workshops em áreas específicas de desenvolvimento (SUMMIT OF SOUTH AMERICAN AND ARAB HEADS OF STATE AND GOVERNMENT, 2012, n.p, tradução nossa)<sup>23</sup>.

Uma vez que estão sendo exploradas passagens oficiais envolvendo cooperação acadêmica e científica, é relevante apontar que, ainda que tais metas tenham aparecido recorrentemente ao longo das declarações da Cúpula, encontro após encontro, o escopo de atuação das atividades nessa área eram sempre muito amplos e abrangentes, sem se preocupar em definir especificamente objetivos mais concretos e que pudessem ter seus avanços acompanhados nos encontros seguintes. É notável que isso acabou sendo feito em alguns momentos específicos, como no caso dos assuntos envolvendo o papel da BibliASPA e seus mecanismos de atuação. Outras iniciativas como a de biblioteca na Argélia, entretanto, tiveram seu planejamento e acompanhamento realizados em outro mecanismos da própria ASPA, mas acabaram ficando cada vez mais ausentes em seus encontros principais, até deixarem de ser mencionados.

---

<sup>22</sup> “Promote the enhancement of the mobility of students from one region to the other at the undergraduate and graduate levels as a means to cooperate to the other region’s economic development through training of human resources at university level” (SUMMIT OF SOUTH AMERICAN AND ARAB HEADS OF STATE AND GOVERNMENT, 2009, p. 19).

<sup>23</sup> “Foster an exchange of international researchers and experts among universities from both regions, and entrust the Officials responsible for culture to prepare and organize investigation projects, seminars, conferences and workshops in specific areas of development” (SUMMIT OF SOUTH AMERICAN AND ARAB HEADS OF STATE AND GOVERNMENT, 2012, n.p).

No caso das metas envolvendo maior intercâmbio e aproximação em questões acadêmicas e científicas, por mais que tenham continuado aparecendo como pauta nos principais encontros da ASPA, estes esforços também não tiveram seus avanços constantemente observados e seus desafios claramente mapeados. Na verdade, o único documento a mencionar as conquistas da Cúpula ASPA no âmbito acadêmico/científico encontrado durante a elaboração do presente estudo foi o Plano Nacional para a Aliança das Civilizações, formulado em 2009 pelo Brasil para a proposta da Organização das Nações Unidas (ONU) de uma iniciativa de mobilização de esforços internacionais da opinião pública mundial com foco na superação de preconceitos, de percepções equivocadas, e da polarização a respeito do “mundo ocidental” e o “mundo islâmico” (PEREIRA, 2018).

O plano apresenta o próprio mecanismo da Cúpula América do Sul-Países Árabes como uma das iniciativas do governo brasileiro de aproximar o Brasil e a América do Sul de outros continentes e de outras culturas (BRASIL, 2009a). Dentre as ações realizadas pela ASPA de 2005 a 2009, são elencadas no documento algumas atividades protagonizadas e desenvolvidas no núcleo da BibliASPA, como a ampliação de seu acervo e o lançamento de seu *website* e a realização de cursos com a participação de estudantes do ensino superior público. Na esfera da pesquisa e da produção de conhecimento para além dos esforços da BibliASPA, as atividades avanços que aparecem no plano como fruto da Cúpula são:

Concessão de bolsas de estudo a estudantes palestinos em cursos universitários de área tecnológica (BRASIL, 2009a, p. 12)

Intercâmbio entre universidades da América do Sul e dos Países Árabes. Cada país será responsável por manter uma lista de Universidades Públicas, Bibliotecas e Centros de Pesquisa Cultural, para publicação no site da BibliASPA, de forma a facilitar o intercâmbio entre intelectuais da área (BRASIL, 2009a, p. 12).

Concessão de Bolsas de estudo de idiomas. A promoção de intercâmbio universitário, sobretudo no campo do estudo de idiomas, é uma das metas estabelecidas no seguimento da ASPA (BRASIL, 2009a, p. 12).

A primeira passagem apresenta uma das conquistas que já havia sido alcançada pela ASPA até 2009 ainda de forma vaga e bem ampla. Não fica claro neste documento, e nem em nenhum outro encontrado para esta pesquisa, a quantificação desse objetivo e nem as características mais específicas da iniciativa — a quantidade de bolsas disponibilizadas, os cursos universitários envolvidos e suas áreas de atuação e as instituições que integraram esse projeto. Além disso, não é possível estabelecer se foi um acontecimento recorrente ou se foi uma oportunidade única. Sobre os dois tópicos seguintes, a respeito do envolvimento de universidades públicas e de centros de pesquisa nas atividades de incentivo à publicações

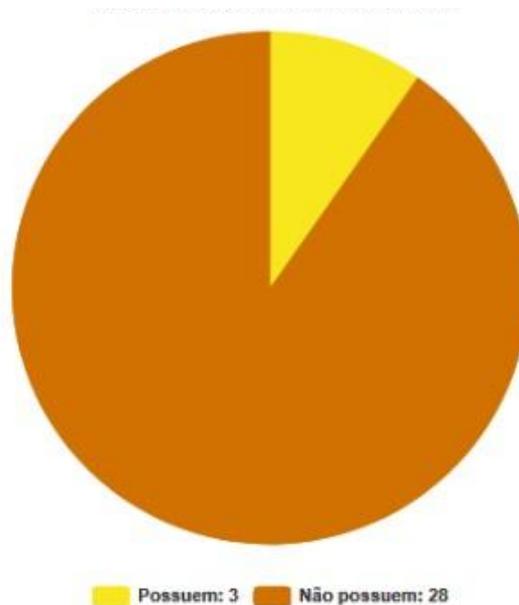
acadêmicas e de concessão de bolsas de estudo de idiomas, não fica claro também o quanto foi alcançado até a formulação do documento na época e o quanto ainda era apresentado como objetivo a ser realizado em esforços futuros.

Assim como foi feito nas outras esferas de integração da Cúpula, brevemente apresentadas no capítulo anterior, entendeu-se que seria de extrema importância uma análise das dinâmicas envolvendo o escopo da produção científica e da pesquisa acadêmica entre os países árabes e o Brasil antes e depois do estabelecimento da primeira reunião da ASPA, a fim de tentar traduzir em números o que vem sendo acompanhado nos registros documentais das sessões realizadas ao longo dos anos. Na falta de mais informações disponíveis a respeito dos impactos concretos das propostas de cooperação acadêmica defendidas pelos países membros do projeto, o que se fez foi consultar informações disponibilizadas por universidades públicas e grupos de pesquisa, em busca das publicações acadêmicas, dos trabalhos, dos artigos e dos cursos voltados para o estudo do Mundo Árabe no Brasil e vice-versa.

Os dois primeiros levantamentos realizados foram relacionados à existência de grupos, centros ou núcleos de pesquisa sobre países árabes nas principais universidades públicas brasileiras, assim como a presença de disciplinas voltadas ao estudo do Mundo Árabe nos cursos de Relações Internacionais, buscando entender se os esforços da Cúpula envolvendo estudantes, pesquisadores e professores universitários impactaram o interesse em realizar pesquisa científica sobre a região nos espaços de produção de conhecimento brasileiros.

É importante reconhecer que a Cúpula pode ter contribuído para a aproximação acadêmica/científica entre o Brasil e a região árabe em outras áreas de pesquisa. Escolheu-se focar no campo das Relações Internacionais por entender a importância que a produção de conhecimento em tal disciplina possui tanto como reflexo de decisões de política externa e de posicionamento internacional quanto na aplicação de diretrizes formuladas em âmbitos políticos regionais e internacionais.

Gráfico 4 — Universidades que possuem grupos de pesquisa sobre Mundo Árabe



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Em relação às universidades que possuem grupos ou centros de pesquisa com foco no Mundo Árabe, foi realizada uma busca nos *websites* de 31 universidades federais<sup>24</sup> que possuem registros disponíveis sobre os grupos de pesquisa promovidos por elas. Do total de universidades pesquisadas, apenas 3 apresentaram grupos de pesquisa com foco no Mundo Árabe ou com linhas de pesquisa desenvolvidas focando em um ou mais países da região: o Núcleo de Estudos do Oriente (UnB), Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre África, Ásia e as Relações Sul-Sul - NIEAAS (UFRJ) e o Núcleo de Pesquisa sobre as Relações Internacionais do Mundo Árabe - NUPRIMA (UFRGS).

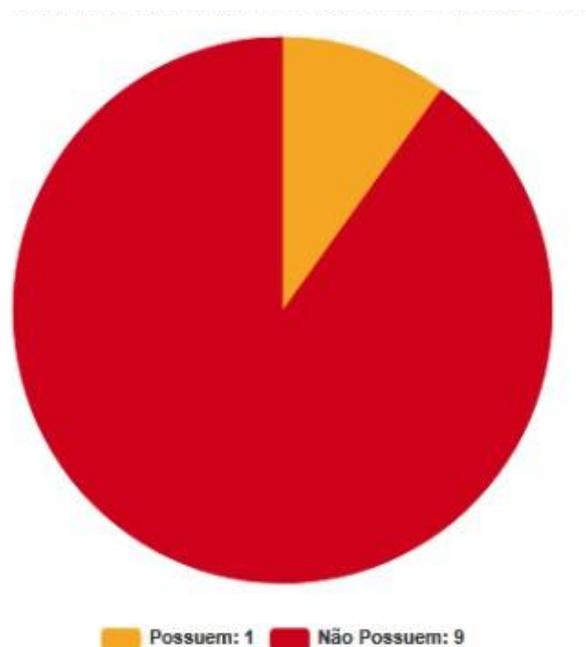
Destaca-se aqui o papel do NUPRIMA, núcleo promovido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e registrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) em 2018, com o objetivo de promover o desenvolvimento e a publicação de pesquisas envolvendo as Relações Internacionais do Mundo Árabe (NUPRIMA, 2022). Uma das linhas de pesquisa do grupo, centrada nas relações do Mundo Árabe com o Sul Global, conversa intimamente com os objetivos iniciais da Cúpula ASPA e principalmente do Brasil ao propor a ideia de um mecanismo de aproximação árabe-sul-americano. Isso porque esse eixo do grupo é voltado para pesquisas a respeito das relações de Estados, organizações e movimentos sociais árabes com o Sul Global, especialmente com o Brasil (NUPRIMA,

<sup>24</sup>As universidades federais analisadas foram: UnB, UFGD, UFG, UFMT, UFMS, UFBA, UFPB, UFC, UFAL, UFPE, UFS, UFMA, UFPI, UFRN, UNIR, UFRR, UFAC, UNIFAP, UFAM, UFPA, UFT, UFMG, UFRJ, USP, UFPEL, UFSC, UFSM, UNIPAMPA, UFPR, FURG e UFRGS.

2022). O grupo desempenhou, inclusive, papel na formulação da presente pesquisa, iniciada ainda no ano de 2018 como uma reflexão a respeito das dinâmicas por trás de um mecanismo tão pouco explorado no campo das Relações Internacionais quanto a iniciativa da ASPA.

O gráfico abaixo é referente à segunda análise, baseada nos cursos de Relações Internacionais que possuem alguma disciplina de graduação voltada para os estudos da região árabe. Para este levantamento, foram analisados os 10 melhores cursos de RI segundo o ranking da folha<sup>25</sup>, com o objetivo de observar se os docentes e os coordenadores dos cursos mais prestigiados e considerados mais completos demonstrariam interesse suficiente na região árabe para incluir atividades com esse foco em suas grades curriculares. O que se descobriu, na verdade, foi que das 10 universidades analisadas, apenas a Universidade de Brasília (UnB), possui uma disciplina relacionada ao Mundo Árabe — voltada ao ensino da língua, de caráter eletivo (BRASIL, 2022).

Gráfico 5 — Cursos de Relações Internacionais que possuem disciplinas sobre Mundo Árabe



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Foi realizada também uma busca nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) de Relações Internacionais nas 5 melhores universidade brasileiras<sup>26</sup>, com o propósito de fazer

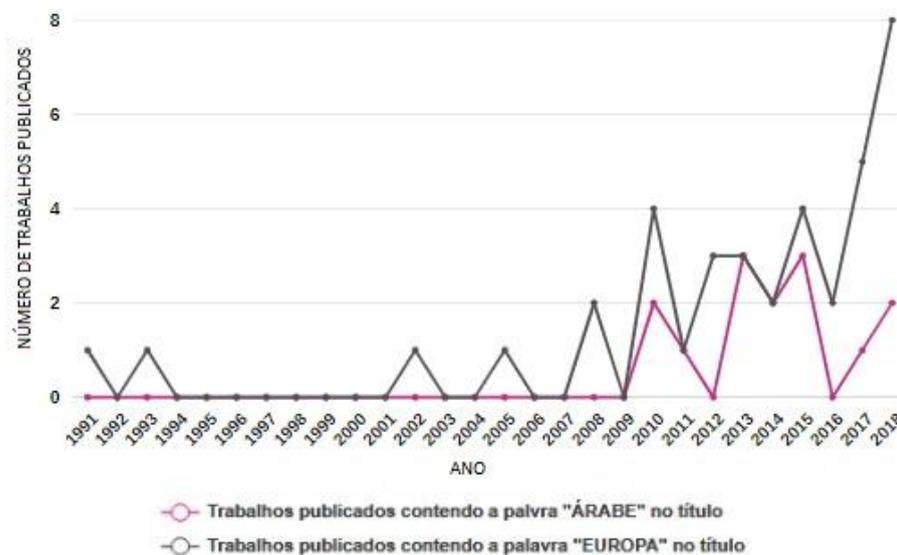
<sup>25</sup> Os 10 melhores cursos de Relações Internacionais: USP, UFRJ, PUC/SP, UNB, UFMG, UFRGS, PUC/MINAS, UNESP, PUC/RIO, UFU (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019).

<sup>26</sup> Com base em um dos principais rankings universitários internacionais, o Times Higher Education, as 5 maiores universidades do Brasil na época do levantamento eram: USP, UNICAMP, UFRGS, UFRJ E UFSC (BERMÚDEZ, 2019).

um levantamento da presença de monografias com foco em questões árabes ao longo dos últimos 27 anos. Para traçar um comparativo, buscou-se nos bancos de trabalho das cinco universidades por títulos contendo o termo “árabe” e títulos contendo o termo “europa”, por ser uma região comumente mais abordada e explorada no âmbito das Relações Internacionais. No gráfico abaixo, é possível enxergar quase 30 anos de publicações acadêmicas de conclusão de curso centradas no Mundo Árabe, assim como aquelas focadas em assuntos relacionados à Europa. Tal comparação permite mensurar, de certa forma, o interesse que os alunos de graduação tiveram ao escolher seus temas de pesquisa.

Enquanto os trabalhos contendo o termo “europa” no título, somaram 38 publicações ao longo de 27 anos, os trabalhos que trazem o termo “árabe” em seu título totalizaram somente 14. Ainda que não cheguem nem perto do total apresentado pelos trabalhos centrados na Europa, é importante observar que todas as publicações focadas no Mundo Árabe aconteceram após o ano de 2005, quando a ASPA surgiu e começou a intensificar o diálogo entre Brasil e a região árabe. As relações árabe-brasileiras começaram a gerar frutos mais perceptíveis nos anos seguintes às primeiras Cúpulas, então é importante ressaltar também que, por volta de 2005, enquanto a ASPA começava a se colocar como uma ferramenta de fomento à iniciativas de troca e de aproximação entre as duas regiões, a Europa já desempenhava um papel muito mais antigo e já consolidado no cenário internacional, inclusive nas relações de poder com os países do sul global.

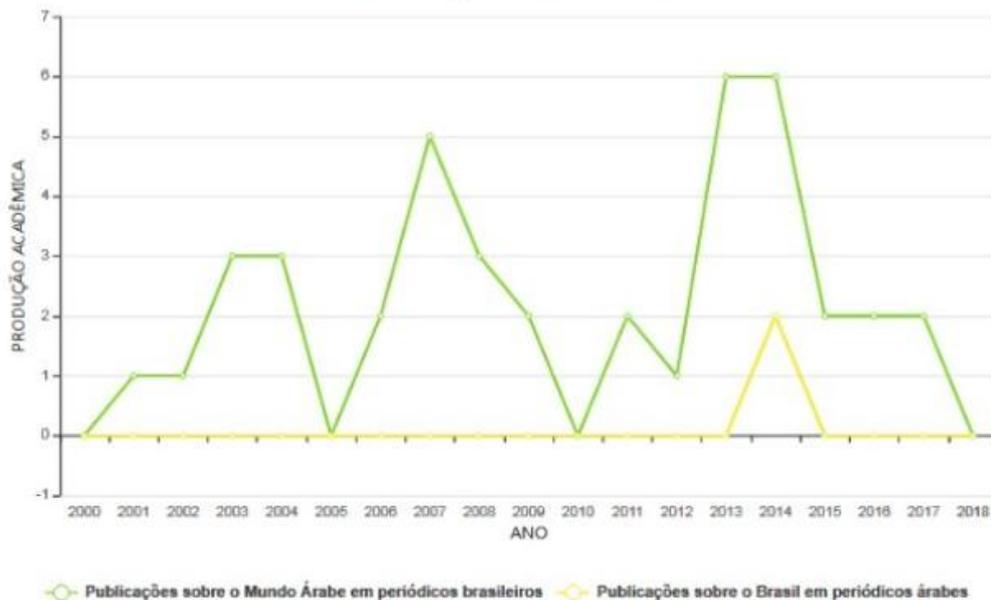
Gráfico 6 — Trabalhos de Conclusão de Curso nas 5 melhores universidades brasileiras:



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A última análise relacionada à esfera acadêmica, por fim, busca incluir nas observações a atuação árabe na dinâmica de produção acadêmica, ao apresentar uma pesquisa das publicações com enfoque no Brasil publicadas em periódicos árabes, juntamente com um levantamento da produção de conhecimento brasileira sobre a região árabe em periódicos nacionais. Para isso, foram analisadas as publicações nos *websites* de 5 periódicos árabes<sup>27</sup> e 5 periódicos brasileiros<sup>28</sup> desde o ano 2000. Buscou-se por artigos brasileiros que mencionassem no título: Mundo Árabe; Países Árabes; Árabe ou algum país árabe. E procurou-se nos títulos dos artigos árabes alguma menção ao Brasil. Do lado árabe de produção científica nos periódicos de Ciência Política e Relações Internacionais, apenas o ano 2014 apresentou artigos publicados sobre o Brasil nas revistas analisadas, totalizando 2 publicações em 18 anos. Já do lado brasileiro de produção acadêmica a respeito do Mundo Árabe, foram registradas 41 publicações no mesmo período, das quais 33 foram realizadas após o ano de 2005.

Gráfico 7 — Publicações em periódicos



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Em relação ao gráfico acima, mas também retomando as análises anteriores dos dados apresentados no presente trabalho, é importante esclarecer que não se busca defender aqui

<sup>27</sup> Journal of Arabian Studies, Arab Studies Journal, Arab Studies Quarterly, International Journal of Middle East Studies e The Middle East Journal.

<sup>28</sup> Revista Brasileira de Política Internacional, Contexto Internacional, Meridiano 47, Conjuntura Austral e Carta Internacional.

uma relação direta entre as propostas da ASPA — principalmente a respeito da esfera acadêmica — e os números expostos. O que se pretende, na verdade, é defender que uma ação tomada em âmbito de uma iniciativa regional e internacional não fica restrita somente ao controle e às aspirações dentro dos muros dessa iniciativa, mas faz conexões com o cenário à sua volta, impactando e sendo impactada pelos atores ao seu redor. Nesse sentido, procurou-se entender os avanços da Cúpula ASPA no nível acadêmico não somente pelas lentes do projeto e pelas palavras de suas declarações, mas buscando relacionar suas propostas com o que se observou de forma concreta no levantamento das informações para a construção dessa análise, que não busca estabelecer uma relação causal, mas sim levantar a reflexão a respeito de possíveis relações existentes nas dinâmicas apresentadas.

### 3.4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Conforme a discussão avança no detalhamento dos encontros da Cúpula e na observação de seus registros oficiais, algumas considerações começam a surgir. Uma vez que o segundo capítulo volta-se para uma rápida apresentação das dinâmicas que levaram à criação da ASPA e de seus objetivos iniciais, é no terceiro capítulo que é possível estabelecer conexões e desenhar uma análise. Os dados levantados até aqui conversam não apenas entre si, mas dialogam também com o panorama inicial apresentado, buscando funcionar como ponte para o estabelecimento de relações e para a provocação de reflexões a respeito do que a ASPA buscou defender e o que de fato ela conseguiu representar e realizar.

Em alguns aspectos, a ASPA se mostrou como mecanismo importante de unificação de agendas, coordenação de esforços e organização de ideias, apresentando resultados concretos na frente de cooperação acadêmica principalmente por meio dos esforços da BibliASPA, atuante até hoje no diálogo de aproximação entre o Mundo Árabe e o Brasil. Alguns avanços chegaram a ser observados para além dos braços da BibliASPA, ainda que um pouco iniciais e não tão fortes quando comparados com os avanços das áreas de integração econômica e política, por exemplo. Ainda assim, é importante destacar o comprometimento que os Estados membros da ASPA demonstraram, desde a primeira sessão do projeto, com as metas relacionadas ao escopo acadêmico e educacional. Ainda que esse comprometimento inicial não tenha sido necessariamente refletido em resultados concretos em todos projetos em que a Cúpula se propôs a fomentar no setor acadêmico-científico, é inegável que, pelo menos no âmbito discursivo, Brasil e Estados árabes se mostraram conscientes da importância da atuação conjunta na esfera acadêmica/científica.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi fruto de uma reflexão derivada da curiosidade a respeito dos laços e das relações históricas existentes entre o Mundo Árabe e a América do Sul. Essa curiosidade, inicialmente muito simples, levou à descoberta da Cúpula América do Sul-Países Árabes, que serviu para impulsionar ainda mais o interesse em entender as complexidades envolvendo duas regiões tão distintas culturalmente e tão distantes geograficamente, mas fortemente ligadas por meio de suas histórias e de seus povos. A descoberta da Cúpula ASPA serviu, também, para despertar um olhar de interesse sobre o papel do Brasil nesta iniciativa, bem como sobre os aspectos que envolveram a sua idealização, oficialização e desenvolvimento. A partir de então, quis refletir sobre o projeto da ASPA sob a ótica das Relações Internacionais, buscando entender em quais discussões esse mecanismo se encaixava e, além disso, de quais discussões ele se propunha a participar.

A ideia proposta na introdução deste texto era entender o projeto da ASPA sob a ótica da teoria construtivista, com o objetivo de incluí-la nas discussões de Relações Internacionais, utilizando ferramentas teóricas que não excluíssem a dinâmica da Cúpula e o seu papel em diferentes áreas de identificação, cooperação e integração entre os Estados sul-americanos e árabes. Com isso, buscou-se abrir espaço para responder o principal questionamento que motivou a investigação do trabalho: a ASPA teve impacto nos aspectos envolvendo a esfera acadêmica e científica em que ela se propôs a atuar, da sua criação ao seu enfraquecimento?

As três diferentes áreas da Cúpula enfatizadas ao longo da apresentação dos seus avanços — econômica, política, cultural — até a chegada no tópico principal dessa discussão serviram para que fosse possível visualizar o que a Cúpula representou ao longo dos anos, ao mesmo tempo que serviu de base para entendê-la como um mecanismo atuante e presente, pelo menos no decorrer de 10 anos. Foi possível conhecer o lado da Cúpula que mobilizou os países membros em diversas conquistas salientadas ao longo do texto, ao mesmo tempo em que se tentou evidenciar algumas das dificuldades enfrentadas, principalmente por definir o projeto como “ambicioso”, “inovador” e “desafiador”. Isso porque, tais adjetivos pressupõem que avanços serão realizados de forma significativa em áreas nunca antes exploradas, ou pelo menos nunca antes exploradas com tanta atenção e preocupação.

A primeira consideração, portanto, diz respeito ao caráter que a Cúpula ASPA almejou e continuamente declarou possuir. Ainda que tenha mostrado esforços para se destacar como mecanismo revolucionário em suas ambições, foi na esfera econômica — uma

das mais clássicas quando se pensa em cooperação e integração regional — que a ASPA apresentou os resultados mais claros e mais divulgados.

A segunda consideração caminha junto com a afirmação anterior, ainda que pareça estranha à primeira vista. É importante entender que projetos como o da ASPA não são necessariamente homogêneos, ainda que se proponham a ser espaços de cooperação multissetoriais. Não se pode, portanto, definir a iniciativa da Cúpula como um fracasso no âmbito de integração acadêmica, uma vez que esperar que ela avançasse nas mesmas velocidade e intensidade em todas as suas esferas de atuação seria desconsiderar todas as diferentes nuances envolvidas em cada um dos aspectos que a Cúpula se empenhou em desenvolver avanços.

Ainda assim, como observado ao longo do capítulo anterior, é possível fazer análises do desempenho da ASPA no setor acadêmico, sem necessariamente precisar envolver as questões dos demais assuntos tratados por ela, avaliando as propostas e a atuação dos países membros relacionadas ao desenvolvimento de um maior intercâmbio acadêmico e de uma crescente parceria nesse setor. Dessa forma, foi possível observar que os documentos da Cúpula muitas vezes eram vagos nas suas propostas, se prendendo na repetição das mesmas intenções ao longo dos anos, sem atualizá-las, revisá-las ou até mesmo acompanhá-las, para que fosse possível, além de celebrar os avanços alcançados, entender possíveis entraves e desafios na coordenação de esforços nessa frente.

A BibliASPA, uma das maiores conquistas da Cúpula nos âmbitos cultural e acadêmico, aparece juntamente com outras iniciativas não tão bem-sucedidas na lista de empreendimentos que não atingiram a sua forma plena por falta de financiamento e/ou falha no acompanhamento político dos envolvidos (FARAH, 2017). Como salientado ao final do último capítulo, os discursos e as declarações de todos os encontros de Cúpula trouxeram, mais de um vez, questões acadêmicas como pautas prioritárias de ações conjuntas por parte dos Estados membros. Ainda que algumas iniciativas tenham contado com maior protagonismo por parte de um ou mais países, os esforços continuavam, encontro após encontro, sendo lembrados e reafirmados, mas pouco concretizados. A falha da ASPA em estabelecer um orçamento destinado a este tipo de atividades e em promover apoio financeiro aos planos idealizados acabou contribuindo para que tais planejamentos acabassem ficando restritos somente ao campo das ideias e dos discursos:

Os valores, tradições e costumes que os imigrantes árabes trouxeram para nosso país, em poucas gerações tornaram-se parte integrante de nossa cultura. Fazemos quibe e tabule com a mesma naturalidade que preparamos a feijoada. Lemos Milton

Hatoum e Raduan Nassar com o mesmo fascínio que sentimos diante dos textos de Graciliano Ramos, Jorge Amado e Guimarães Rosa. Nos vestimos, trabalhamos, fazemos política e cuidamos da família com uma boa dose de influência árabe. Sem a contribuição dessa imensa comunidade, que chega aos 12 milhões de pessoas, seríamos hoje um país despido de parte considerável de sua grandeza. Nossa economia seria menos dinâmica, nossa cultura menos pujante, nossos horizontes mais restritos. Seríamos menores e mais pobres. Nossa alma estaria triste, sentindo-se incompleta (BRASIL, 2010, n.p).

A passagem acima foi retirada da fala do ministro da cultura, Juca Ferreira, durante a abertura do Festival Sul-Americano de Cultura Árabe, em 2010. As palavras do ministro foram colocadas aqui porque ressaltam outra consideração a respeito do papel da ASPA, principalmente em relação aos seus objetivos de integração acadêmica e cultural: seu modelo teve a atuação enfraquecida por ter se mantido como um processo de cima pra baixo na maioria de suas atividades e de suas conquistas, não conseguindo alcançar o que se buscava na sua criação e em pronunciamentos como o de Ferreira — a mobilização das sociedades civis árabes e sul-americanas num processo de conhecimento e de participação ativa no desenvolvimento dos projetos da Cúpula (FERABOLLI, 2021).

É importante ressaltar que o projeto da ASPA, além de ter sido desenhado pelo Brasil e na época liderado por Lula, foi pensado por um estilo de governo que acabou não se sustentando, especialmente após o impeachment de Dilma, em 2016. Com a mudança de prioridades no governo de alguns dos países sul-americanos, fóruns como a UNASUL e, conseqüentemente a ASPA, foram se enfraquecendo e perdendo a atenção até então recebida. Não é coincidência que o último encontro da Cúpula aconteceu em 2015. Na ocasião, os Estados planejaram se reencontrar três anos mais tarde, o que nunca aconteceu. Em 2019, o Brasil notificou oficialmente a sua saída da UNASUL, num movimento compartilhado por outros países sul-americanos, como a Argentina (VERDÉLIO, 2019). Dessa forma, a ASPA via, em 2015, seus últimos momentos de atuação e, até mesmo, de existência.

Considera-se, sim, que a ASPA teve impacto na esfera de integração acadêmica por conta dos avanços que foram observados — seja nos próprios documentos dos encontros realizados ou nos gráficos formulados para a discussão do presente trabalho. Ainda assim, considera-se de grande relevância os reconhecimentos acima citados, de que é preciso que se tenham algumas ressalvas em mente junto com esta última afirmação. Dentre todos os desafios citados ao longo deste trabalho, finaliza-se este texto com uma inquietação que permeou toda a construção desta pesquisa e que, por este motivo, será apresentada como última consideração: a dificuldade em encontrar informações, dados, reportagens e números a respeito de uma iniciativa como a ASPA, que durou 10 anos e envolveu um total de 34 países

de duas regiões extremamente distantes do globo terrestre nas mais variadas atividades. Uma vez que não existe uma centralização e uma atualização de informações, ou até mesmo um fácil acesso aos frutos da cooperação acadêmica que a ASPA conseguiu promover apesar das barreiras enfrentadas, considera-se o esforço depreendido para a organização destas reflexões como mais um dos desafios que a ASPA não conseguiu vencer no âmbito das relações acadêmicas/científicas entre a América do Sul e o Mundo Árabe.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADLER, Emanuel. O construtivismo no estudo das relações internacionais. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**. [S.L.], n. 47, p. 201-246, ago. 1999. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-64451999000200011>.

AGÊNCIA BRASIL. Leia a íntegra da Declaração de Brasília, documento final da Cúpula América do Sul - Países Árabes. **Empresa Brasil de Comunicação**. Brasília, mai. 2005. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2005-05-11/leia-integra-da-declaracao-de-brasil-documento-final-da-cupula-america-do-sul-paises-arabes>. Acesso em: 10 jul. 2022.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS BRASIL- ÁRABE. Câmara de Comércio Árabe- Brasileira. Cultura. 2022. Disponível em: <https://anba.com.br/category/noticias/cultura/>. Acesso em: 22 ago. 2022.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS BRASIL- ÁRABE. Câmara de Comércio Árabe- Brasileira. **Sobre nós**. 2021. Disponível em: <https://anba.com.br/sobre/>. Acesso em: 22 ago. 2022.

AGÊNCIA SENADO. Lula abre Cúpula América do Sul-Países Árabes. **Senado Federal**. Brasília, 2005. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2005/05/10/lula-abre-cupula-america-do-sul-paises-arabes>. Acesso em: 10 jul. 2022.

ALMEIDA, Vanderlei. Argélia terá biblioteca de Niemeyer. **Veja**. São Paulo, 13 mar. 2012. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/argelia-tera-biblioteca-de-niemeyer/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

BATISTA, Ricardo. Consulplano “parceira” de Niemeyer na nova biblioteca de Argel. **Construir**. Lisboa, 05 nov. 2018. Disponível em: <https://www.construir.pt/2018/11/05/consulplano-parceira-de-niemeyer-na-nova-biblioteca-de-argel>. Acesso em: 22 ago. 2022.

BERMÚDEZ, Ana Carla. USP é a melhor universidade do Brasil em lista mundial, Unicamp e UFRJ caem. **Uol**. São Paulo, p. 1-1. 11 set. 2019. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/09/11/usp-e-a-melhor-do-brasil-em-ranking-das-mil-melhores-unicamp-e-ufrj-caem.htm>. Acesso em: 18 ago. 2022.

BIBLIASPA. **Integração ASPA**. 2022a. Disponível em: <https://bibliasp.com.br/mecanismo-aspa/>. Acesso em: 09 ago. 2022.

BIBLIASPA. **Quem Somos**. 2022b. Disponível em: <https://bibliasp.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 09 ago. 2022.

BIBLIASPA. **Revista Fikr**. 2022c. Disponível em: <https://bibliasp.com.br/fikr/?amp#top>. Acesso em: 11 ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Cultura. Palavras do ministro da Cultura, Juca Ferreira, na abertura do Festival Sul-Americano da Cultura Árabe. **Portal da Cultura**. São Paulo, 25 mar. 2010.

Disponível em:

<http://thacker.diraol.eng.br/mirrors/www.cultura.gov.br/site/2010/03/26/palavras-do-ministro-da-cultura-juca-ferreira-na-abertura-do-festival-sul-americano-da-cultura-arabe/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **ASPA**. 2018. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/component/content/article/480-gabinete-do-ministro-1578890832/assessoria-internacional-1377578466/20755-aspa>. Acesso em: 02 jul. 2022.

\_\_\_\_\_. Ministério das Relações Exteriores. **Mecanismos Inter-regionais**: Cúpula América do Sul- Países Árabes. Cúpula América do Sul- Países Árabes. 2017. Disponível em:

<https://www.gov.br/mre/pt-BR/politica-externa/mecanismos-inter-regionais/3675-cupula-america-do-sul-paises-arabes-aspa>. Acesso em: 02 ago. 2022.

\_\_\_\_\_. Ministério das Relações Exteriores. **Ministério das Relações Exteriores**: linha do tempo. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br>. Acesso em: 09 jul. 2022.

\_\_\_\_\_. Ministério das Relações Exteriores. **MRE divulga nota informativa sobre a visita da Presidenta Dilma Rousseff a Lima por ocasião da III Cúpula América do Sul–Países Árabes (ASPA)**. 2012a. Disponível em:

<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/notas-oficiais/notas-oficiais/mre-divulga-nota-informativa-sobre-a-visita-da-presidenta-dilma-rousseff-a-lima-por-ocasio-da-iii-cupula-america-do-sul2013paises-arabes-aspa>. Acesso em: 16 ago. 2022.

\_\_\_\_\_. Ministério das Relações Exteriores. **Plano Nacional para a Aliança de Civilizações**. Brasília, 2009a. Disponível em:

[https://sistemas.mre.gov.br/sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Alianca/pt-br/file/Plano\\_Nacional\\_andamento](https://sistemas.mre.gov.br/sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Alianca/pt-br/file/Plano_Nacional_andamento). Acesso em: 22 ago. 2022.

\_\_\_\_\_. Presidente (2003 - 2011: Luiz Inácio Lula da Silva). **Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão**

**de abertura da Cúpula América do Sul-Países Árabes**. Brasília, 10 de mai. 2005. 4 f.

Disponível em:

<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/1o-mandato/2005/10-05-2005-maio-discurso-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-na-sessao-de-abertura-da-cupula-america-do-sul-2013-paises-arabes/view>.

Acesso em: 10 jul. 2022.

\_\_\_\_\_. Presidente (2003 - 2011: Luiz Inácio Lula da Silva). **Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão de abertura da 2ª Cúpula América do Sul-Países Árabes**. Doha, 31 de mar. 2009b. 5 f. Disponível em:

<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/2o-mandato/2009/31-03-2009-discurso-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-na-sessao-de-abertura-da-2a-cupula-america-do-sul-paises-arabes/view>

Acesso em 16 ago. 2022.

\_\_\_\_\_. Presidente (2011 - 2016: Dilma Rousseff) **Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na III Cúpula ASPA**. Lima, 02 de out. 2012b. Disponível em:

<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presid>

enta-da-republica-dilma-rousseff-durante-primeira-sessao-plenaria-de-chefes-de-estado-e-de-governo-da-iii-cupula-aspa-lima-peru. Acesso em: 23 ago. 2022.

\_\_\_\_\_. Instituto de Relações Internacionais. Universidade de Brasília. **Fluxo de Habilitação**. 2022. Disponível em: <http://irel.unb.br/galeria-videos/fluxo-de-disciplinas>. Acesso em: 18 ago. 2022.

CASTRO, Thales. **Teoria das Relações Internacionais**. Brasília: Editora Ideal, 2012

CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. Inserção Global no Século XXI: a estratégia do estado logístico. In: CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. **História da Política Exterior do Brasil**. Brasília: Editora Unb, 2015. p. 525-560.

CONFERÊNCIA DE ARGEL, 2005, Argel. **Conferência de Argel sobre o projeto de criação de uma Biblioteca Árabe-Sul-Americana**. Disponível em: [www2.congreso.gob.pe/sicr/cendocbib/con2\\_uibd.nsf/970A4FAF69671EE905257830007712B3/\\$FILE/8.3.ARGEL\\_Biblioteca\\_Arabe\\_Sudamericana](http://www2.congreso.gob.pe/sicr/cendocbib/con2_uibd.nsf/970A4FAF69671EE905257830007712B3/$FILE/8.3.ARGEL_Biblioteca_Arabe_Sudamericana). Acesso em: 05 ago. 2022.

CÚPULA DE CHEFES DE ESTADO E DE GOVERNO. Declaração de Riade. Riade, nov. 2015. Disponível em: [https://www.gov.br/mre/pt-br/canais\\_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/declaracao-de-riade-iv-cupula-america-do-sul-paises-arabes-aspa-11-de-novembro-de-2015#port](https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/declaracao-de-riade-iv-cupula-america-do-sul-paises-arabes-aspa-11-de-novembro-de-2015#port). Acesso em: 12 ago. 2022.

DANIEL, Isaura. Câmara Árabe presta homenagem a Lula. **Agência de Notícias Brasil-Árabe**. São Paulo, mar. 2010. Disponível em: <https://anba.com.br/camara-arabe-presta-homenagem-a-lula/>. Acesso em: 09 jul. 2022.

DANIEL, Isaura. Niemeyer projeta biblioteca da Aspa. **Agência de Notícias Brasil-Árabe**. São Paulo, 22 maio 2009. Disponível em: <https://anba.com.br/en/niemeyer-designs-aspa-library/>. Acesso em: 16 ago. 2022.

FARAH, Paulo. Solidariedade Sul-Sul e a Cúpula América do Sul-Países Árabes. **MERIP**. 2017. Disponível em: <https://merip.org/2018/04/south-south-solidarity-and-the-summit-%E2%80%A8of-south-american-arab-countries/>. Acesso em: 09 jul. 2022.

FAWCETT, Louise. The Origins and Development of Regional Ideas in the Americas. **Regionalism And Governance In The Americas**. [S.L.], p. 27-51, 2005. Palgrave Macmillan UK. [http://dx.doi.org/10.1057/9780230523029\\_2](http://dx.doi.org/10.1057/9780230523029_2). Disponível em: [https://link.springer.com/chapter/10.1057/9780230523029\\_2#citeas](https://link.springer.com/chapter/10.1057/9780230523029_2#citeas). Acesso em: 22 jul. 2022.

FERABOLLI, Silvia. Arab-South American Interregionalism: from the promises of the aspa summit to the deadlock of the gcc-mercosur agreement. In: ECPR GENERAL CONFERENCE, 2021. **ECPR General Conference**. Colchester: Ecp, 2021. Disponível em: <https://ecpr.eu/Events/Event/PaperDetails/58455>. Acesso em: 10 set. 2022.

FERABOLLI, Silvia. O inter-regionalismo e a Cúpula ASPA. In: SEMANA DE EXTENSÃO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO, 10., 2014, Porto Alegre. **X Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação**. Porto Alegre: Uniritter, 2014. Disponível em:

www.uniritter.edu.br/uploads/eventos/sepesq/x\_sepesq/arquivos\_trabalhos/2966/540/582.pdf. Acesso em: 09 jul. 2022.

FERABOLLI, Silvia. Relações Internacionais do Mundo Árabe (1954-2004): os desafios para a realização da utopia pan-arabista. **Contexto Internacional**. Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 63-97, jan./jul. 2007. Disponível em: [www.scielo.br/j/cint/a/MV9vj6xh4j6NhRH3nF3drwD/?format=pdf&lang=pt](http://www.scielo.br/j/cint/a/MV9vj6xh4j6NhRH3nF3drwD/?format=pdf&lang=pt). Acesso em: 12 jul. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO (Brasil). **Ranking Universitário Folha**: ranking de cursos de graduação. Ranking de cursos de graduação. 2019. Disponível em: <https://ruf.folha.uol.com.br/2019/ranking-de-cursos/relacoes-internacionais/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

FONSECA, Bruna Garcia. Câmara Árabe comemorou 70 anos de fundação. **Agência de Notícias Brasil-Árabe**. São Paulo, jul. 2022. Disponível em: <https://anba.com.br/camara-arabe-comemorou-70-anos-de-fundacao/>. Acesso em: 10 jul. 2022.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. Quinhentos Anos de Periferia: a inserção. In: GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. **Desafios Brasileiros na Era dos Gigantes**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. Cap. 8. p. 243-299.

HAAS, Ernst B.. The Study of Regional Integration: reflections on the joy and anguish of pretheorizing. **International Organization**. [S.L.], v. 24, n. 4, p. 606-646, 1970. Cambridge University Press (CUP). <http://dx.doi.org/10.1017/s0020818300017495>.

HURD, Ian. Constructivism. In: REUS-SMIT, Christian; SNIDAL, Duncan (ed.). **The Oxford Handbook Of International Relations**. Oxford: Oxford University Press, 2008. Cap. 17. p. 298-337. Disponível em: <https://vdoc.pub/documents/the-oxford-handbook-of-international-relations-417vnmt9lc30>. Acesso em: 15 ago. 2022.

KHADER, Bichara; BLESA, Pablo. The Arab World and Latin America: long-standing migration, an expanding south-south partnership. **Mediterranean Yearbook**. Barcelona, p. 255-259, 2020. Disponível em: <https://www.iemed.org/publication/the-arab-world-and-latin-americalong-standing-migration-an-expanding-south-south-partnership/>. Acesso em: 11 jul. 2022.

MANZUR, Tânia Maria Pechir Gomes. Análise da Cúpula América do Sul – Países Árabes. **Meridiano 47**. Brasília, p. 4-8. maio 2005. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/50924508\\_Analise\\_da\\_Cupula\\_America\\_do\\_Sul\\_-\\_Países\\_Arabes](https://www.researchgate.net/publication/50924508_Analise_da_Cupula_America_do_Sul_-_Países_Arabes). Acesso em: 15 ago. 2022.

NOTARI, Maria Helena de Aguiar. Os Papéis Projetados pela Política Externa Brasileira para o Oriente Médio durante os Governos Lula (2003 - 2010). **Revista Tempo do Mundo**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 257-282, jan. 2017. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/revistas/index.php/rtm/article/view/37>. Acesso em: 05 ago. 2022.



\_\_\_\_\_. **Lima Declaration**. Lima, out. 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/en/contact-us/press-area/press-releases/iii-summit-of-south-american-arab-countries-declaration-of-lima>. Acesso em: 10 ago. 2022.

THE COOPERATION COUNCIL FOR THE ARAB STATES OF THE GULF. **Member States**. 2022. Disponível em: <https://www.gcc-sg.org/en-us/AboutGCC/MemberStates/pages/Home.aspx>. Acesso em: 18 ago. 2022.

THE ECONOMIST INTELLIGENCE. The Economist Group. **The Middle East: Latin America's next growth market?** 2012. Disponível em: <http://country.eiu.com/article.aspx?articleid=1779649162&Country=Brazil&topic=Economy>. Acesso em: 21 ago. 2022.

THE OBSERVATORY OF ECONOMIC COMPLEXITY. **The best place to explore trade data**. 2022. Disponível em: <https://oec.world/en>. Acesso em: 02 jul. 2022.

VERDÉLIO, Andreia. Brasil formaliza saída da Unasul para integrar Prosul. **Agência Brasil**. Brasília. 16 abr. 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2019-04/brasil-formaliza-saida-da-unasul-para-integrar-prosul>. Acesso em: 10 set. 2022.

VICENZI, Roberta Aragoni Nogueira. **Nacionalismo Árabe: apogeu e declínio**. 2006. 227 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência Política. Departamento de Ciência Política, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

WOOLGAR, Steve. Irony in the Social Study of Science. In: KNORR-CETINA, Karin D; MULKAY, Michael (ed.). **Science Observed: perspective on the social studies of science**. Londres: Sage Publications, 1983. Cap. 9. p. 239-266. Disponível em: [https://www.academia.edu/12746497/Irony\\_in\\_the\\_Social\\_Study\\_of\\_Science\\_1983?email\\_work\\_card=view-paper](https://www.academia.edu/12746497/Irony_in_the_Social_Study_of_Science_1983?email_work_card=view-paper). Acesso em: 22 jul. 2022.

WORLD TRADE ORGANIZATION. **Members and Observers**. 2022. Disponível em: [https://www.wto.org/english/thewto\\_e/whatis\\_e/tif\\_e/org6\\_e.htm](https://www.wto.org/english/thewto_e/whatis_e/tif_e/org6_e.htm). Acesso em: 24 ago. 2022.